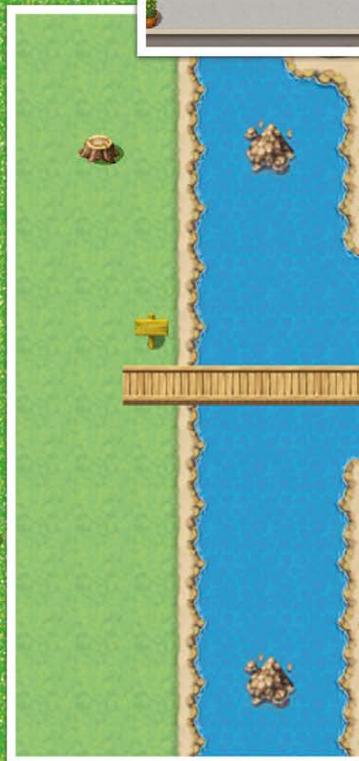


MAGDA RENATA MARQUES DINIZ  
JORGE FELLIPHE RODRIGUES BARBOSA  
(ORGS.)

# LEITURA E CRIAÇÃO EM JOGO:

CONHECENDO DE PERTINHO  
O BECO DO URUÁ

HENRIQUE TARGINO DE LIMA  
MARIA EDUARDA ALCÂNTARA DA SILVA  
MEIRI AMALIA RODRIGUES  
MILENNA NUNES MARINHO  
NATÁLIA CRISTINA TERTULIANO MELO  
SEMAIAS RANGEL DE OLIVEIRA MACHADO



editoraifrn

MAGDA RENATA MARQUES DINIZ  
JORGE FELLIPHE RODRIGUES BARBOSA  
(ORGS.)

# LEITURA E CRIAÇÃO EM JOGO:

**CONHECENDO DE PERTINHO  
O BECO DO URUÁ**

HENRIQUE TARGINO DE LIMA  
MARIA EDUARDA ALCÂNTARA DA SILVA  
MEIRI AMALIA RODRIGUES  
MILENNA NUNES MARINHO  
NATÁLIA CRISTINA TERTULIANO MELO  
SEMAIAS RANGEL DE OLIVEIRA MACHADO



editora**ifrn**

Natal, 2017

Presidente da República  
**Michel Miguel Elias Temer Lulia**

Ministro da Educação  
**José Mendonça Bezerra Filho**

Secretária de Educação Profissional e Tecnológica  
**Eline Neves Braga Nascimento**

---



Reitor  
**Wyllys Abel Farkatt Tabosa**

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação  
**Márcio Adriano de Azevedo**

Coordenadora da Editora IFRN  
**Darlyne Fontes Virginio**

---

## Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes  
Alexandre da Costa Pereira  
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira  
Anísia Karla de Lima Galvão  
Cláudia Battestin  
Darlyne Fontes Virginio  
Emiliana Souza Soares Fernandes  
Fabíola Gomes de Carvalho  
Francinaide de Lima Silva Nascimento  
Francisco das Chagas de Mariz Fernandes  
Francisco das Chagas Silva Souza  
Geneveva Vargas Solar  
José Augusto Pacheco  
José Everaldo Pereira  
José Gilauco Smith Avelino de Lima  
Jozilene de Souza

Jussara Benvindo Neri  
Lenina Lopes Soares Silva  
Liege Monique Filgueiras da Silva  
Márcio Adriano de Azevedo  
Maria da Conceição de Almeida  
Maria Josely de Figueiredo Gomes  
Melquiades Pereira de Lima Junior  
Nadir Arruda Skeete  
Neyvan Renato Rodrigues da Silva  
Régia Lúcia Lopes  
Rejane Bezerra Barros  
Rodrigo Siqueira Martins  
Samuel de Carvalho Lima  
Sílvia Regina Pereira de Mendonça  
Valcinete Pepino de Macedo  
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

---

**Projeto Gráfico, Diagramação e Capa**  
Charles Bamam Medeiros de Souza

Ilustrações da capa e dos capítulos:  
Milenna Nunes Marinho

**Revisão Linguística**  
Maria Clara Lucena de Lemos

Prefixo editorial: 94137  
Linha Editorial: Artístico-Literária  
Disponível para download em:  
<http://memoria.ifrn.edu.br>

---



### Contato

Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol. CEP: 59015-300, Natal-RN.  
Fone: (84) 4005-0763 | E-mail: [editora@ifrn.edu.br](mailto:editora@ifrn.edu.br)

*A todos os leitores apaixonados por jogos e contos.*



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

L533 Leitura e criação em jogo: conhecendo de pertinho o Beco do Uruá / Organização Magda Renata Marques Diniz, Jorge Fellippe Rodrigues Barbosa; projeto gráfico, diagramação e capa Charles Bamam Medeiros de Souza; revisão linguística Maria Clara Lucena de Lemos – Natal: IFRN, 2017.  
104 p : il.

ISBN: 978-85-94137-14-2

1. Literatura infanto-juvenil - Contos. 2. Contos – Cidade de Canguaretama. 3. Contos – Beco do Uruá. I. Diniz, Magda Renata Marques. II. Barbosa, Jorge Fellippe Rodrigues. III. Título.

CDU 82-93

Catálogo da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária  
Patrícia da Silva Souza Martins – CRB: 15/502

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

# *Agradecimentos*

Agradecemos a Claudielle, Davi, Eriberto, Larissa Andressa e Mayara, também participantes do projeto Jogos Digitais e Língua Portuguesa, pelas contribuições a nossos contos.

Agradecemos também a nossos orientadores e organizadores deste livro, Prof.<sup>a</sup> Magda Renata e Jorge Felliphe, pela motivação e pelo apoio em nosso desenvolvimento educacional.

Os autores

*PÁGINA EM BRANCO*

*A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.*

*Walter Benjamin*

*PÁGINA EM BRANCO*

# MAPA DO JOGO

## APRESENTAÇÃO 11

Magda Renata Marques Diniz

Jorge Felliphe Rodrigues Barbosa

## 1 TUDO COMEÇA COM O (RE) CONHECIMENTO DA IDENTIDADE 13

### *A GAROTA DE OUTRO MUNDO*

Milenna Nunes Marinho

Meiri Amalia Rodrigues

## 2 DESAFIO INICIADO 51

### *VERNAM*

Henrique Targino de Lima

## 3 PENSANDO EM DESISTIR OU CRIANDO FORÇAS PARA PROSSEGUIR 59

### *TRIBO TAPUIAS*

Natália Cristina Tertuliano Melo

## 4 FASE DESAFIO TOTAL 83

### *A REGIÃO PROIBIDA*

Semaias Rangel de Oliveira Machado

## 5 RESETAR TUDO OUTRA VEZ 89

### *COMO NOS CONTOS*

Maria Eduarda Alcântara da Silva

*PÁGINA EM BRANCO*

## APRESENTAÇÃO

**Leitura e criação em jogo: conhecendo de pertinho o Beco do Uruá** reúne cinco contos construídos por alunos do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Canguaretama, que são participantes do projeto de pesquisa intitulado Jogo digital como ferramenta de apoio ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e Literaturas no Ensino Médio.

Esse projeto, do qual fazemos parte como orientadores, teve uma duração de sete meses, entre 2017 e 2018, através de fomento pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação do IFRN. No referido período, dentre as atividades do projeto e o contato em sala de aula semanalmente, começamos a estreitar nossas conversas sobre as particularidades do município a partir das vivências de cada integrante do grupo e, pontualmente, uma questão foi se fazendo mais presente nos encontros: por que Canguaretama não poderia ser nosso grande cenário?

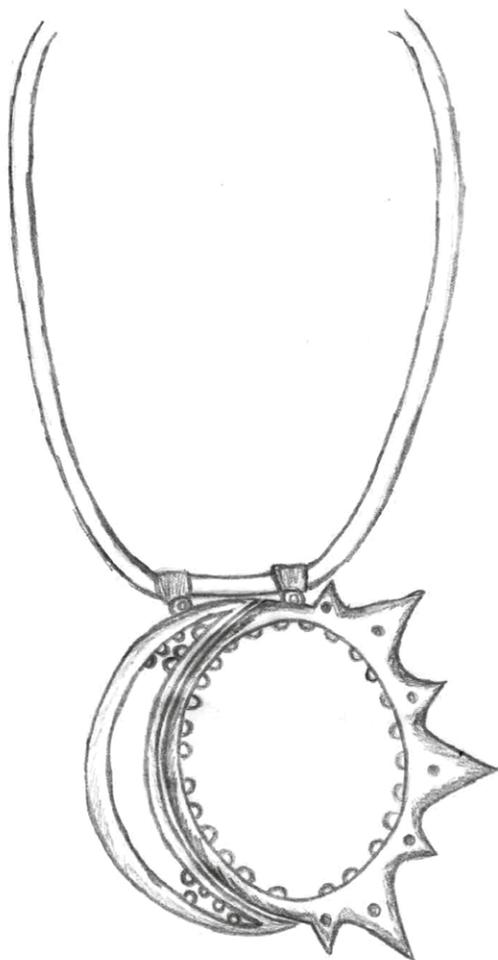
Por tal direção, as ideias foram registradas no papel, e o design do jogo tomando corpo para que desenvolvêssemos não apenas “mais um” jogo educacional, mas que pudêssemos levar ao público de jogadores elementos que favorecessem boas experiências de interpretação textual, e não, simplesmente, questões envolvendo a língua padrão versus seus desvios.

Desde o título deste livro – pois o município de Canguaretama era nomeado como Beco do Uruá inicialmente –, os autores, que são residentes na Microrregião do Litoral Sul do Rio Grande no Norte e estudantes do Curso Técnico Integrado em Informática do IFRN – Campus Canguaretama, seduzem nossas mentes com seus olhares subjetivos sobre o espaço e o tempo fotografados, deixando-nos apaixonados quando lemos suas narrativas.

Esperamos que você, leitor, possa se envolver como nós nos envolvemos nessa experiência ficcional!

Canguaretama, 22 de agosto de 2017.

Magda Renata Marques Diniz  
Jorge Fellipe Rodrigues Barbosa



---

1 *TUDO COMEÇA COM  
O (RE)CONHECIMENTO DA  
IDENTIDADE*

# A GAROTA DE OUTRO MUNDO

**Por Milenna Nunes Marinho e Meiri Amalia Rodrigues**

Em uma manhã ensolarada de setembro, uma garota caminhava apressadamente pelas calçadas recém-construídas da cidade. Estava atrasada; aliás, mais do que isso, chateada. O dia mal havia começado e já podia ser considerado um dos piores de sua vida. A beleza do céu era uma ironia para a jovem de dezesseis anos, que tinha problemas de sobra para conseguir admirar qualquer coisa.

A garota havia saído de sua casa às 7h15, bufando de raiva após mais uma briga com a sua mãe. *Será que ela nunca irá perceber que ligar bêbada todo santo dia para meu pai não o trará de volta?*, pensou frustrada a jovem.

Ela sempre soube que sua personalidade não era uma das melhores e que deveria compreender melhor a dor de sua progenitora. *Mas, fala sério! Se até eu aceitei que tudo acabou entre eles, por que minha mãe não poderia aceitar também?* – Indagou em voz alta.

Uma mulher que passava pela calçada olhou confusa para Hannah após ela proferir tais palavras. A jovem apenas sorriu minimamente para ela, em uma

tentativa de mostrar que não era louca por estar falando sozinha.

As pessoas dizem que é bom amar, porém, no final, elas saem mais machucadas do que ficariam se fossem atropeladas por um trem. A ferida é profunda e não tem cura; infelizmente, os cientistas ainda não inventaram uma. O amor é assim: imperfeito como qualquer coisa que existe. Sua mãe precisava entender isso e voltar à realidade. Era frustrante o quanto, às vezes, se sentia mais madura do que ela.

Era tão irônico falar de amor de forma pejorativa quando até ela estava amando. *Droga de amor!*, Pensou bufando.

Não que ela seja uma garota feia. Muito pelo contrário, achava-se bonita. Os cabelos curtos, castanhos e levemente ondulados combinavam com uma franjinha que caía sobre a testa. Sua pele era clara e os olhos se destacavam pelo tom verde-água. O rosto era fino e o nariz arrebitado, que combinavam com os cílios longos e a boca levemente carnuda e avermelhada. Não usava maquiagem, detestava. Seu corpo era pequeno, porém não deixava de ser bonito por isso. Com certeza, não é a beleza o que a impede de viver um romance, mas sim o medo. O medo de acabar como sua mãe: sozinha, chorando pelos cantos, jogada no sofá e com uma lata de cerveja na mão.

Hannah afastou-se desses pensamentos, ajeitou a alça de sua mochila e passou a correr – mesmo que estivesse vinte minutos atrasada e, talvez, não pudesse mais assistir à primeira aula. Ela só queria chegar rá-

pido o suficiente para poder desabafar com seu melhor amigo – e amor platônico – Kris, que também costumava se atrasar. Ele era o único que conseguia entendê-la.

Chegando ao portão de entrada da escola, simplesmente entrou correndo, sem dar o costumeiro “bom dia” ao porteiro.

Já caminhando pelos corredores, vasculhou com o olhar todos os cantos daquela escola, porém nada de encontrar seu amigo, o que foi aumentando sua frustração. Respirando fundo e soltando o ar pela boca, decidiu ir logo para sala de aula; depois procuraria Kris.

Distraída, Hannah não notou um garoto, que andava afobado em sua direção e, conseqüentemente, acabou tombando nele.

– Não olha por onde anda, não?! – A garota praguejou enquanto se levantava do chão e limpava sua calça.

– Hannah... – O garoto sussurrou, fazendo-a olhar e perceber que se tratava de Muse, amigo de Kris.

Seus olhos pretos pareciam cansados. Como se não tivesse dormido naquela noite. Os cabelos escuros e curtos estavam grudados na testa pelo suor. Ele não era tão alto, mas era maior que Hannah. Seu porte físico era mediano, nada exagerado. O rosto longo apresentava leves marcas de espinha, sua boca fina e rosada estava levemente seca. Era um jovem bonito, a garota tinha que admitir. Não falava tanto com ele. Achava-o muito quieto e estranho demais. Não que fosse diferente dela.

– Ah! Oi. – Hannah respondeu sem ânimo, ainda

estava atrasada e sem paciência.

– Que bom que te encontrei, queria mesmo falar com você! – Muse proferiu nervoso e um pouco rápido.

Por um minuto, Hannah sentiu um frio subir por sua espinha, fazendo-a estremecer. Era como se algo fosse acontecer, mas não fazia ideia do que seria.

– Podemos conversar depois? Eu estou realmen...

– Tem que ser agora, por favor. – Muse a interrompeu.

Hannah, percebendo o desespero dele, assentiu e puxou o garoto para um local mais reservado. Mesmo não havendo ninguém pelos corredores, alguém poderia aparecer a qualquer momento e questionar o porquê deles estarem fora de sala. Sinceramente, ela não estava com cabeça para inventar qualquer desculpa.

O jovem passou as mãos pelos cabelos, não sabia como começar a falar. *Como é que se declara para alguém mesmo?*, Indagou em pensamentos.

– Vamos, Muse! Eu não tenho a manhã inteira. O que você quer? – Hannah começava a ficar impaciente com a indecisão do garoto.

Muse fechou os olhos enquanto respirava fundo e disse:

– Ok! Eu gosto de você, Hannah! Eu sempre gostei. Nunca tive coragem de te contar porque sentia medo. Eu não sabia o que fazer ou como fazer, mas já estava doendo demais esconder isso.

A jovem arregalou os olhos e abriu a boca diversas vezes, mas nenhuma palavra conseguia sair.

– Eu sei que você deve estar surpresa, mas eu só

quero que me dê uma chance!

O garoto não sabia o que fazer, pois o silêncio de Hannah estava matando-o.

– Desculpe-me, Muse, mas não posso retribuir-lhe. Eu já gosto de alguém...– Respondeu ressentida. Não queria estar apaixonada, mas acontece. *Droga de amor!*  
–Exclamou em pensamentos.

– Eu sei de quem você gosta, Hannah! Só que o Kris não gosta de você.

Muse não sabia o que estava fazendo, apenas queria convencê-la de qualquer jeito a lhe dar uma chance.

– Do que você está falando? – Confusa e assustada, a garota perguntou.

– Ah, ele não te contou?

O garoto não ligava para o que falava, apenas queria que Hannah entendesse que deveria desistir de Kris.

*Contou o quê? Como Muse descobriu? Quem contou? Como o Kris simplesmente pôde esconder isso de sua melhor amiga?* – Eram os únicos pensamentos que vinham à cabeça da jovem.

– Pensei que, como melhor amiga dele, você soubesse.

Muse sabia que estava jogando baixo, mas faria de tudo para tê-la.

*Pois é... Será que o Kris pensava da mesma forma?*, Hannah se indagou novamente.

– Muse, não estou entendendo aonde você quer chegar. Por que está me atingindo dessa forma? Eu não quero nada com você. Nunca vou querer. Apenas me deixe em paz!

Hannah não pensava mais direito em todas as palavras que o garoto proferia. As palavras só a perfuravam ainda mais e, em apenas um instante, tudo veio à sua mente de uma só vez: a separação de seus pais, a briga com sua mãe, a solidão, o cansaço, o estresse, o amor de Muse que não podia corresponder, seu amor que também não era correspondido. *Droga de amor, droga de vida!*, Era tudo o que se passava em sua mente.

– Você deve ficar comigo e não com ele. O Kris nunca vai te amar como eu te amo!

– Apenas me deixe em paz! – Gritou e saiu correndo, deixando o jovem para trás.

Muse não percebia que a feria ainda mais. Hannah estava sem rumo e apenas queria a companhia de seu amigo ali com ela. Queria que ele a abraçasse e lhe sussurrasse palavras de conforto, como sempre fazia quando ela chorava por causa de mais uma briga com sua mãe ou quando algum garoto malvado a maltratava.

Sem olhar por onde andava, acabou esbarrando em outra pessoa.

– Hannah, o que houve? Por que está correndo? – A voz conhecida lhe perguntou sem ao menos deixá-la respirar.

– Kris?!

A garota se jogou nos braços do rapaz e o abraçou com toda a força que podia. Era tão boa aquela sensação de conforto e proteção que ele passava...

– O que aconteceu? – A rouca e calma voz do rapaz chegou aos ouvidos da garota.

– Foi... foi horrível. – Murmurou com a voz demorada e quase falha.

– O que foi horrível, Hannah?

Soava tão maravilhosamente bem seu nome quando saía da boca daquele rapaz... Apenas se soltou dele e o olhou nos olhos: eram caramelados, fascinantes, transmitiam toda a segurança de que precisava. Seus cabelos eram loiros, sempre despenteados, e a roupa estava amarrotada. Era um garoto tão extrovertido e desajeitado – alguns dos motivos que fizeram Hannah se apaixonar. A boca fina e avermelhada, o nariz não tão comprido e as bochechas levemente coradas pelo sol forte que fazia lá fora deixavam-no muito mais encantador. Ele era alto e seus músculos não eram tão definidos, contudo a garota se sentia engolida sempre que o abraçava. Quase sempre se perdia na beleza do rapaz e, naquele instante, quase que esqueceu o que ia perguntar.

– Por que não me contou que gostava de alguém?

– Fazer aquela pergunta lhe doeu mais do que quando Muse lhe contou.

– Quem contou isso?

A garota sabia que ele estava muito nervoso e, ao mesmo tempo, surpreso, porque o conhecia mais do que qualquer outra pessoa neste mundo.

– Não importa! Só me responda!

Hannah odiava o fato de sempre ser atingida tão facilmente. Não era tão forte como queria sempre demonstrar às pessoas. No entanto, já devia saber que os mais fortes são os que mais se decepcionam.

– Mas eu não estou gostando de ninguém!

– Pare de mentir para mim! Pensei que eu fosse sua melhor amiga! – Hannah praguejou, enquanto se soltava dos braços de Kris.

Sua cabeça começava a doer, e sua visão ficava embaçada por conta das lágrimas que se acumulavam. Definitivamente, este era o pior dia de sua vida. Não deveria ter saído do quarto nem de casa; aliás, não deveria nem ter levantado da cama.

*Por que o amor tinha que ser tão complicado? Por que a sua vida tinha que ser tão complicada? Seria tudo tão mais fácil se as pessoas apenas parassem de machucá-la.* Por pouco tempo, Hannah manteve as mãos na cabeça, na tentativa de assimilar tudo o que já lhe havia acontecido, mas, sem aguentar mais ouvir qualquer palavra, a garota simplesmente saiu correndo novamente. Parece que correr havia se tornado a coisa favorita naquele dia.

Ainda conseguiu ouvir a voz de Kris enquanto se afastava.

– Hannah, espere!

A garota continuou correndo até sentir o estômago doer. Conseguiu ouvir o grito de Kris novamente, mas, quando se virou, um clarão tomou sua visão e, de repente, tudo ficou escuro...

Quando acordou, Hannah percebeu que estava em meio às frutas amassadas de uma barraquinha e não fazia ideia de como havia ido parar ali. O vendedor gritava para alguns homens que vestiam roupas estranhas e engraçadas. Esses pareciam guardas de reinos

na Idade Média, daqueles que a jovem sempre via nos livros de histórias infantis.

Sem tempo para pensar, Hannah já se encontrava fortemente arrastada pelos homens estranhos. Ela se debatia e tentava se soltar a todo custo, mas não obtinha sucesso. Enquanto era escoltada pelos guardas, várias pessoas rodeavam e começavam a xingá-la. *Todo aquele ódio seria por causa de uma barraquinha de frutas?*

Os moradores se vestiam de forma estranha também. *A moda ainda não havia chegado àquele lugar? Por que as pessoas vestiam roupas tão quentes no calor que estava fazendo? Por que a olham daquela maneira? Por que havia ido parar ali?* Enfim, não conseguia entender. Eram tantos porquês em sua vida. Nenhum deles tinha explicação.

Não sabia para onde estava sendo levada, mas algo lhe dizia que para um hotel cinco estrelas, com certeza, não seria. Se aquele lugar parecia nem ter bicicletas, quem diria um hotel.

Quando pararam de carregá-la, espantou-se com um castelo gigantesco que nem sonhava encontrar por ali. *Mas que droga está acontecendo?*, era tudo que pensava internamente.

Um homem, usando trajes mais “sofisticados” do que as outras pessoas daquele lugar, aproximou-se. A jovem o observou bem, mas não aguentou a curiosidade:

– Quem é você?

– Meu nome é Khalen. Sou o comandante da guarda real, do reino de Gajah. Finalmente nos encontramos, Cirena! – O homem, sarcástico, exclamou.

Ele tinha cabelos castanhos e olhos da mesma cor. O rosto apresentava traços de uma pessoa estrangeira: nariz mediano, boca levemente carnuda e rosada, cílios longos e sobrancelhas unidas e grossas. Possuía um porte físico avantajado. Era um homem que a fazia lembrar muito alguém.

Hannah franziu o cenho, confusa: *mas quem diabos é Cirena?* – questionou-se – e *por que esse nome lhe parecia* tão familiar?

– Senhor, não conheço nenhuma Cirena. Meu nome é Hannah! Não faço ideia de como vim parar aqui, apenas quero voltar para casa! – A garota afirmou, tentando se soltar novamente dos guardas.

– Até quando pretende continuar com a farsa, Cirena? Está sentenciada a viver presa pelo resto de tua vida por todos os crimes que cometeste! – Khalen exclamou, pedindo aos guardas para que levassem a prisioneira ao calabouço.

Fazia horas que Hannah estava presa naquele lugar frio, sujo e iluminado apenas por uma pequena e alta janelinha. Sabia que era tarde, pois já havia recebido seu “almoço” há muito tempo.

Esperou e esperou, mesmo não sabendo de fato o que esperava. Uma explicação, talvez, de por que sua vida havia virado de cabeça para baixo em tão pouco tempo. Definitivamente, não devia nem ter aberto os olhos naquela manhã.

Já estava sonolenta, mas, escutando a porta do calabouço ser aberta, levantou-se rapidamente. Um guarda, escoltando-a, levou para um local, que parecia ser a saí-

da da masmorra. Hannah agradecia aos céus, mentalmente, por sair daquele lugar imundo.

Khalen estava à espera da garota, o que a fez cogitar que talvez o que iria lhe acontecer fosse ser pior que o local onde estava. O comandante levou a jovem algemada para uma parte afastada do castelo. Não sabia direito como explicar para garota que ela carregava algo valioso consigo e que poderia lhe ajudar de alguma forma.

– Eu irei soltar-te, mas tens que ficar quieta e ouvir o que tenho a te dizer! – Khalen chantageou.

Já solta, Hannah se sentia assustada e ainda mais confusa. O que aquele homem queria com ela, afinal? Não querendo correr o risco de ser machucada ou até mesmo morta, a garota, agindo pela emoção, apenas apanhou um pedaço de madeira e acertou na cabeça de Khalen, que caiu desacordado.

Ela então correu o mais rápido que pôde sem olhar para onde estava indo. Com toda certeza do mundo, deveria investir na carreira de esportista, pois se saia como ninguém na corrida.

Ao parar de correr, deu-se conta da burrada que fez: ela não sabia onde estava ou para onde devesse ir. Bateu na própria cabeça e reclamou para si: *por que você, simplesmente, não pensa antes de agir, Hannah?* Essa pergunta se aplicava a tanta coisa na vida dessa moça... E olhe que ela tinha apenas dezessete anos e nunca havia nem beijado nesta vida.

Hannah vagava pela floresta... O pôr do sol estava prestes a acontecer e ela precisava de um lugar para passar a noite. Não encontrando nada e já esgotada

pela longa caminhada, encostou-se em uma árvore e lá adormeceu profundamente.

Assim que o sol apontou, sentiu-o forte em seu rosto. Foi abrindo os olhos lentamente, para tentar se acostumar com a claridade. Quando se levantou por completo, deu de cara com um garoto observando-a.

Ela se assustou ao ponto de bater a cabeça em um galho de árvore mais baixo do que o normal, provocando o riso do garoto à sua frente.

– Não ria de mim, Kris! Doeu de verdade!

A jovem, sem perceber, deixa escapar o nome de seu amigo.

– Quem é Kris? – O garoto questionou.

– Oh, desculpe-me! Você é idêntico a um amigo meu! – A garota tentou se explicar.

– És engraçada, Cirena!

– Pela milésima vez, eu não me chamo Cirena! Por que todo mundo insiste em me chamar assim? – Hannah, não controlando suas emoções, acabou gritando com o rapaz, que se assustou.

Percebendo o que fizera, a garota respira devagar, tentando se manter calma, como seu psicólogo havia lhe recomendado. Sim, ela visitava o psicólogo da escola. E mesmo que costumasse fazer o oposto do que ele lhe orientava fazer, era sempre bom ouvir a opinião de alguém experiente.

No tempo em que tentava se acalmar, acabou reparando mais no rapaz: *todo mundo se vestia estranho e falava engraçado naquele lugar. Parece que a moda aqui é quanto mais estranho você consegue ser.* Acabou rindo

dos próprios pensamentos.

– Se não és a Cirena, então como te chamas? – O rapaz questionou a moça ao notar que ela havia ficado mais calma.

– Hannah! E você?

– Prazer em conhecer-te, Hannah. Chamo-me Nil!

*Nil?*, a jovem se perguntou em mente. Mais um nome que lhe parecia familiar.

Mesmo que o garoto ainda estivesse desconfiado da jovem e pensasse estar brigando com ela, decidiu que entraria no jogo dela. Não queria vê-la irritada novamente. *Cirena teria ficado tão louca a ponto de esquecer-se de si mesma?*, indagava internamente o rapaz.

– Por que insiste em me confundir com essa tal de Cirena? – Hannah indagou.

– Por que és idêntica a ela!

Agora, mais do que nunca, a jovem queria ver essa Cirena, que todos a julgavam parecida com ela. Pelo que Khalen havia lhe dito, provavelmente ela era uma criminosa bastante procurada. Não conseguia entender como podia ter sido confundida logo com uma delinqüente. Justo Hannah, que nunca havia roubado uma balinha sequer na vida.

– Por que me chamou de Kris? – O garoto lembrou.

– Parece que eu estou vendo-o quando olho para você. – Falou hesitante.

Nesse momento, a jovem sentiu seu coração doer da falta de Kris.

– Isso é algo ruim? – O jovem questionou.

– Talvez. – Sussurrou.

– Entendo, mas, enfim, queres te juntar ao meu grupo, Hannah?

– Grupo? – Ela franziu o cenho.

– Sim. Estamos procurando uma maneira de sair deste lugar! – Explicou.

Hannah levantara a cabeça e viu cerca de seis garotos e quatro garotas arrumando o que parecia ser um acampamento. Estava tão entretida com a conversa que nem tinha notado a presença daquelas pessoas. Um lampejo de luz brilhou em sua mente: por que aquela cena lhe parecia tão familiar?

Resolveu ouvir sua intuição: acompanharia as pessoas; afinal, se estão saindo daqui, significa que também não pertencem àquele lugar. Quem sabe a ajudariam a voltar para casa. Além do mais, Nil se parecia muito com seu amigo e sentia que poderia confiar nele.

– Aceito! – Hannah exclama depois de seguir sua intuição.

– Perfeito! É uma honra ter sua adorável presença conosco! – O rapaz respondeu sorridente, usando o mesmo tom que a moça, que ri de sua reação. *Por que as pessoas daqui agem de modo tão engraçado?*, riu de seus pensamentos.

Nil começou a andar até o acampamento. É, talvez eu possa me divertir aqui, pensou Hannah, antes de se juntar ao grupo e começar a ajudá-los.

Todas as pessoas ali pareciam estar felizes, já que sorrisos e brincadeiras pairavam pelo ambiente. Uma

noite havia se passado, e a jovem já estava entrosada com o restante do grupo. Havia conhecido muita coisa de suas histórias de vida: três dos seis meninos – sete, contando com Nil – eram irmãos gêmeos e foram abandonados pelos pais na floresta. As quatro garotas foram vendidas como escravas, mas conseguiram fugir do comprador. Os outros três meninos do grupo eram órfãos e renegados de suas vilas, então, acabaram se conhecendo enquanto caminhavam sem rumo.

Eles ainda eram tão jovens e já passaram por tanta coisa. Todas essas histórias de vida fizeram Hannah se emocionar a ponto de chorar algumas vezes, pois, mesmo sentindo dor, conseguiram ser tão fortes e determinados. Haviam formado uma família ali – todos eles –, que nunca poderia ser substituída. “Até onde vai a maldade humana? Machucar crianças desse jeito? Isso é desumano”, a jovem se lastimou.

Ao mesmo tempo em que estava em choque e com raiva do ser humano por ser tão cruel, Hannah refletiu sobre sua vida. Não era uma das melhores, mas pelo menos, a garota havia tido uma infância feliz. Tudo começou a se complicar quando as brigas entre seus pais começaram e só piorou quando eles terminaram. Ela começou a se isolar de tudo e de todos, com medo de se apegar a alguém e essa pessoa também fazê-la sofrer.

A separação dos pais não é fácil para nenhuma criança, mas Hannah havia aprendido a conviver com isso conforme os anos iam se passando. E mesmo que não quisesse mais ninguém em sua vida, não conseguiu impedir que Kris se aproximasse de seu coração.

Na verdade, ela se via cada dia mais encantada pelo rapaz, que lhe passava tanta segurança e paz. Era só ele aparecer que ela começava a sorrir, e tudo ficava bem. Tempos depois, viu-se completamente apaixonada por ele, mas não teve coragem para lhe contar... Talvez nunca tivesse, já que a amizade do garoto era importante demais para se perder.

Os dias passaram, e o relacionamento de Hannah com o grupo se fortaleceu, principalmente com Nil, que era sempre gentil e amigável. Era incrível o engajamento. Justo ela que tinha se isolado até do sorveteiro, com quem tanto gostava de conversar.

– Hannah? – Nil chamou a moça, que estava sentada em um tronco fazendo tranças nos cabelos de uma das garotas.

– Sim? – A jovem sorriu abertamente para ao rapaz.

O jovem sentiu seu coração se aquecer com aquele sorriso de Hannah. *Ela é sempre tão adorável e linda*, pensou.

– Queres caminhar comigo? Desejo apresentar-te um lugar. – Ele sugeriu.

– Claro! – A jovem exclamou em resposta.

Hannah terminou de trançar os cabelos pretos e cacheados da garota, que se chamava Mei, e levantou-se, indo até o rapaz.

– É tão lindo vê-los juntos... Formam um casal adorável. – Mei suspirou alegremente.

Hannah arregalou os olhos e corou enquanto Nil engasgou com a própria saliva.

– Mei! Não profira tais palavras assim! – Repreen-

deu o jovem ainda tossindo.

– Desculpe-me! – A menina, gostando do que fizera, sorriu.

– Vamos, Hannah! – Nil a empurrava cuidadosamente para longe de Mei, antes que, de novo, falasse mais alguma coisa constrangedora.

O rapaz caminhou ao lado da moça para longe do acampamento. Eles passaram por vários obstáculos – alguns galhos de árvores –, até que encontraram uma estrada estreita e bifurcada. Após escolherem para onde ir, a jovem pôde ver uma cachoeira que embelezava o ambiente. Não conseguia explicar quão magnífica era a visão, apenas ficava paralisada, sem saber como agir. Nunca havia visto uma cachoeira de perto, somente em filmes ou fotos.

– Lindo, não? – A voz de Nil tirou Hannah do transe.

– Sim! Isso é tão maravilhoso! – Respondeu ao jovem.

– Quer dar um mergulho?

O rapaz começava a desabotoar a camisa, e Hannah, percebendo o que estava acontecendo, rapidamente virou-se, envergonhada. Claro que já tinha visto outros rapazes sem camisa, fosse em filmes ou até mesmo na escola, já que havia garotos que jogavam futebol e, sempre após a vitória de um torneio ou campeonato, tiravam a camisa em comemoração. No entanto, sentia-se nervosa e corada com a ideia de ver Nil sem camisa. Talvez pelo fato de ele ser a cara do Kris.

– Não tenhas vergonha, Hannah! Não ficarei despedido, apenas sinto-me desconfortável por me banhar com tantos trajes.

A forma educada com que Nil sempre se expressava chegava a ser engraçada, mas era completamente encantadora. Ele era um rapaz muito educado e sabia como conquistar qualquer pessoa com aquela polidez.

– N-não é i-isso... é... – A garota tentou se explicar.

Nil riu e chegou perto da garota pedindo:

– Vire-te, Hannah.

Ainda meio receosa, a moça obedeceu. Seu olhar, que se encontrava focado no chão, foi subindo desde o pé até o rosto do rapaz. Corou mais ainda ao perceber que a camisa não pertencia mais ao corpo dele.

Nil possuía mais músculos que Kris, o que talvez se devesse ao fato de se exercitar todo início de manhã e fim de tarde. A semelhança com seu melhor amigo se tornava mais evidente – até a pequena marca de nascença na clavícula se encontrava naquele ser.

– Vamos? – Nil falou com um ar entusiasmado.

– AAA-h, sim, sim! – Respondeu atrapalhada.

O garoto se afastou para pular na água. A jovem, ainda sem jeito, apanhou a camisa do rapaz do chão e a colocou em cima de uma pedra que ali se encontrava ao mesmo tempo que olhava melhor para a cachoeira.

Algo lhe chamou a atenção. Caminhou para mais perto. Percebeu que havia uma passagem atrás da água limpa e cristalina que caía violentamente. Atravessou a pequena abertura, tomando cuidado para não se molhar, e entrou no que parecia ser uma caverna. Dentro era pouco iluminado, mas Hannah conseguia enxergar algumas coisas, já que o sol ainda reinava lá fora.

Uma pequena flor presa entre algumas pedras aca-

bou tomando sua atenção. Sabia que sua curiosidade ainda a mataria, mas queria tanto “salvar” aquela pobre florzinha. Ela era muito linda para simplesmente ficar ali sendo esmagada até murchar.

Aproximou-se mais da parede onde se encontrava a flor, que estava um pouco mais ao alto, onde Hannah não conseguia alcançar. Então, o jeito foi escalar. Escalou uma vez, duas vezes, três, porém seus pés sempre escorregavam. Na quarta vez, quase se espatifou no chão caso aqueles braços fortes não a segurassem.

– Deves tomar mais cuidado, Hannah!

A voz rouca de Nil atingiu profundamente a jovem, que se arrepiou e estremeceu. Os olhos ainda se mantinham fechados, e, por mais que estivesse de costas para o rapaz, não queria abri-los, de vergonha pela cena constrangedora que talvez encontrasse.

O garoto a virou e solicitou:

– Abre teus olhos, Hannah!

A moça assim o fez, mas não o teria feito se soubesse que se perderia na imensidão daqueles olhos caramelados – parte do corpo de Nil que mais lembrava o Kris. O rapaz se encontrava da mesma forma que ela, perdido naquele lindo tom de verde que tinham os olhos de Hanna.

Aos poucos, os rostos se aproximavam. Um já conseguia sentir a respiração do outro. Nenhum dos dois parecia pensar no que estava fazendo, apenas seguiam o que seus corações pediam há algum tempo. Não aguentando mais, Nil juntou seus lábios aos da jovem. O beijo começou com apenas um selar até o rapaz pedir

passagem com a língua para adentrar à boca da garota.

Hannah sentia o coração bater rapidamente e um leve formigamento na barriga. Não acreditando que seu primeiro beijo estava sendo construído com um rapaz que não era o Kris – mas que se parecia muito com ele –, que conhecia havia poucas semanas, numa terra desconhecida e, para piorar tudo, cheia de gente maluca e estranha, que a confundiam com uma tal de Cirena, de quem não fazia a menor ideia de quem fosse.

O beijo continuou até ambos sentirem falta de ar e se separarem, ficando com as testas coladas e os olhos fechados.

– Desculpe-me! Eu não deveria ter feito isso. – Nil murmurou ainda com o rosto colado ao da garota.

– Não, tudo bem. Eu também retribuí. – Hannah ri nasalmente, arrancando um sorriso aberto do rapaz.

O semblante da jovem muda de feliz para triste rapidamente. Em seu interior, era como se estivesse traindo Kris, mesmo que eles não tivessem nada além de amizade.

– Por que ficaste tristonha de repente? – O jovem perguntou preocupado ao abrir os olhos e notar a tristeza nos olhos de Hannah.

– É porque você se parece tanto com ele. – A garota confessa.

– Com o Kris, correto? – O rapaz acaricia a bochecha dela enquanto se afasta minimamente para poder observá-la melhor.

– Sim. Ele é a pessoa mais importante da minha

vida. Eu o amava. Na verdade, eu o amo. – Sussurrou, sôfrega. – Eu não quero te usar, Nil, você é incrível, mas toda vez que eu te olho, eu lembro dele. Isso me mata por dentro, pois você não merece isso.

– O que aconteceu entre vocês? – O rapaz, mesmo sentindo seu coração apertado, queria que a garota desabafasse.

De novo a história se repetiu em sua vida. Novamente, ele tinha se apaixonado e, novamente, não era correspondido de novo...

– Longa história... – Disse hesitante.

Hannah se afastou, ficando de costas para Nil, perto da saída da caverna.

– Tenho todo o tempo que precisar. – Hannah sentiu o garoto tocar-lhe as madeixas carinhosamente e aceitou o carinho.

A jovem respirou fundo e se virou para Nil, olhando-o nos olhos. Pediu ao rapaz que se sentasse e começou a contar toda a história, desde a briga com a mãe até o presente momento.

– Agora, entende? Eu não pertencço a esse lugar, Nil. Não sei por que nem como vim parar aqui. Não sei quem é Cirena e, ultimamente, não estou sabendo nem quem eu sou. Tudo aqui é diferente, é como se eu tivesse viajado no tempo, entende? Pensei, que ficando com vocês, eu conseguiria sair daqui, mas tudo o que tenho feito até agora é apenas te seguir, porque... porque você se parece com ele... com o Kris. – A garota respirou profundamente e continuou. – Não pense que eu não aprendi nada andando com vocês. Pelo contrá-

rio! Eu aprendi o valor de ter uma família, a valorizar mais a vida que possuo, já que sempre existirão pessoas em situações piores. Principalmente, aprendi que você sempre deve ser forte e enfrentar seus medos se quiser algo na vida. Você e todas aquelas pessoas me ensinaram isso. Eu lhe agradeço e lhe peço desculpas por tudo.

– Hannah, não... – Antes que Nil pudesse terminar, foi interrompido por uma voz conhecida.

– Nil? – Perguntou Mei. – Nil? Hannah? Vocês estão aí?

– Estamos sim! – Gritou de volta, segurando a mão de Hannah e saindo de dentro da caverna.

Mei olhou com malícia para os dois saindo daquele ambiente. Deixou um risinho preso no canto da boca por um tempo...

– Nil, é sério! É aquele homem novamente. – Mei relatou com os olhos esbugalhados.

– Sei exatamente o que ele deseja. Obrigado, Mei!

Mei assentiu e saiu dali. Ele se virou para Hannah, olhou-a profundamente, antes de falar:

– Prometo que terminaremos essa conversa mais tarde. Espere-me aqui um instante, está bem? – Acariciou a bochecha direita da jovem

Ela apenas balançou a cabeça em concordância. Depois, Nil beijou sua mão e saiu. O tempo passou.

A garota, preocupada e sem paciência, decidiu ir atrás dele pelo caminho que haviam tomado. Passou a olhar todos os cantos daquela floresta enquanto andava. Algumas horas depois, escutou vozes ao longe, que

pareciam retratar uma baita discussão. Então, por entre as folhagens e com todo o cuidado para não fazer barulho, decidiu observa a cena.

Nil e Khalen discutian calorosamente. “O que aquele homem está fazendo ali?” – pensou Hannah –, “como se conhecem?”.

A moça decidiu ficar ali, escondida, e escutar do que tanto falavam.

– Por que tu não me falastes que a havia encontrado?! – Khalen praguejou, irritadiço.

– Eu ia contar-te, mas tinha que tomar as devidas medidas para que nenhuma outra pessoa a encontrasse. – Nil respondeu passando as mãos pelos cabelos.

– Eu os segui por dias! – Khalen confessou. – Eu entendi, perfeitamente, as “devidas medidas” que estavas a tomar.

Nil, irritado, esbravejou: – Por que tanto interesse nela, afinal? Ela não é a Cirena! Sabes disso, não é?

– Eu sei, mas a garota possui a chave para encontrar a verdadeira Cirena!

– Qual chave? – Nil perguntou confuso.

Hannah, tomada pela ira e já tendo escutado o bastante, saiu de trás das plantas e os dois homens, que a olham surpresos.

– Você sabia quem eu era? – A garota questionou Nil.

– Hannah, eu posso explicar. – O jovem gaguejando.

– Então esse tempo todo você me enganou?! – A jovem gritou, permitindo que uma lágrima caísse.

– NÃO! Apenas escute-me, por favor!

Ignorando totalmente as súplicas do garoto, Han-

nah virou para Khalen e ordenou:

– Preciso que me explique o que está acontecendo aqui! Eu preciso da verdade.

– Como quiser! – Khalen respondeu. – Por onde desejas que eu comece?

– Pelo começo, de preferência! Quem é Cirena? Por que me prendeu se sabia que eu não era ela? Que lugar é esse? Por que vim parar aqui? O que o Nil tem a ver com toda essa história? – Bombardeou o chefe da guarda com todas essas perguntas.

Khalen suspirou e se sentou em um tronco caído de uma árvore, que por ali estava.

– Cirena fazia parte do grupo de Nil. Ela era uma deles. – Khalen olhou para o garoto, que mantinha sua cabeça baixa. – Mas todos sabiam que Nil era apaixonado por ela.

Hannah arregalou os olhos e sussurrou: – Então era por isso?

Ela não era a única que se recordava de outra pessoa ao estar na presença do rapaz. Ele também fazia o mesmo.

– Mas Cirena fugiu. Fugiu porque estava apaixonada por outra pessoa. – Khalen deu uma pausa e suspirou. – Ela estava apaixonada por mim.

Hannah prestava atenção em cada palavra que saía da boca daquele homem. Finalmente, estava entendendo tudo, por mais que a verdade estivesse deixando-a mais e mais nervosa.

– Só que a Cirena era uma ladra procurada em todo lugar. Ela roubava para dar o que comer aos seus

pais, que eram pobres. Nós nunca poderíamos ficar juntos, mas mesmo assim, eu não deixei de amá-la. Eu a acobertei e fingi que era inimigo dela enquanto a encontrava às escondidas. Sendo chefe da guarda real, o único lugar onde eu queria que ela ficasse presa era em mim. – Hannah viu lágrimas se formarem nos olhos dele. – Nil nunca a forçou a voltar para seu grupo. Ele também a amava tanto quanto eu e só queria vê-la feliz. Então, deixou-a partir para meus braços.

Hannah olhou para Nil e sentiu toda a dor que os olhos do rapaz transmitiam. Ainda estava irritada com ele, mas, naquele momento, só queria abraçá-lo.

– Nil encontrou-me tempos depois e pediu para trabalhar no reino. Mesmo não tendo o amor de Cirena para si, ele queria ficar por perto e cuidar dela. Eu permiti. – Cada palavra que saía da boca de Khalen fazia seu coração apertar. – Cirena continuava a roubar. Eu tinha lhe pedido para parar, e dito que arcaria com todas as despesas de seus pais, porém ela foi teimosa e se envolveu com algo mais perigoso.

A garota não conseguia desgrudar seus olhos de Khalen. Era como se fosse perder alguma coisa caso desviasse o olhar.

– Ela tentou roubar um grupo de ladrões perigosos, mas acabou sendo pega por eles. Mandeí meus homens procurá-la, aonde quer que aqueles criminosos a tenham levado. No entanto, cinco meses se passaram e nenhuma notícia dela. – Khalen, nesse momento, desmanchava-se em lágrimas – Sabe como é amar tanto alguém e sentir essa pessoa simplesmente escapar de você?

Ah, Hannah sabia e como sabia.

– Foi isso que Nil sentiu quando Cirena fugiu, e é isso que eu sinto agora. – Desabafou Hannah.

– Por isso que precisas nos ajudar, Hannah. Também não sei como tu vieste parar aqui. Entretanto, se estás aqui, é por um bom motivo. Não sei por que és tão parecida com Cirena, mas sei que és a única que pode verdadeiramente ajudar! – O homem sentenciou ao se levantar do tronco.

– Como posso ajudar? – Hannah perguntou após se recuperar da euforia.

– O colar que carregas é a outra metade do colar de Cirena. – Khalen afirmou.

A jovem tocou no colar, que estava pendurado em seu pescoço e arregalou os olhos dizendo:

– Como pôde se esquecer de algo tão valioso? Havia comprado esse colar em um evento de jovens leitores que acontecera em sua cidade. Uma metade estava com ela e a outra estava com Kris. Era uma referência ao livro preferido deles: *As Crônicas de Gajah*.

Como em um *flash*, tudo se acendeu na mente da garota. Tudo lhe parecia familiar. Era simplesmente porque tudo naquele lugar, todas as pessoas, todos os nomes, todos os ambientes – até mesmo a linda cachoeira que visitara com Nil – faziam parte do livro. Ela estava, literalmente, dentro de seu livro favorito.

*Como fui tão idiota a ponto de não ter percebido antes?*, indagou-se, incrédula, em pensamentos. Ainda não entendia como tinha ido parar ali. Talvez a vida simplesmente tivesse resolvido pregar uma peça nela.

Hannah sabia de cor a história daquele livro. No final dele, Khalen e Nil faziam um plano para resgatar Cirena, mas os ladrões ameaçaram matá-la caso os rapazes fizessem alguma coisa. Nil acabou enganando o ladrão, acertou-o na cabeça, caindo desacordado no chão. Contudo, antes de conseguirem tirar Cirena do esconderijo, um dos ladrões corre até eles para matar a criminosa, só que Nil entra na frente da garota e acaba sendo atingido. Ele se sacrificou pelo bem de Cirena.

Hannah sempre admirou esse livro; guardava-o em seu coração. No entanto, não podia permitir que esse final trágico acontecesse. Nil não merecia morrer, muito menos a ladra.

– Tudo que tenho que fazer é juntar meu colar ao dela, não é? Assim eu conseguirei voltar para casa, e Cirena estará livre. Eu ajudarei vocês! – A jovem exclamou, convicta.

Os homens a olham surpresos, mas logo um sorriso brotou no rosto de cada um. “*Ela é tão determinada quanto Cirena*, era o único pensamento que se passava na cabeça deles.

Khalen, Nil e Hannah fizeram um plano para resgatarem a ladra. Nil se infiltraria no esconderijo dos ladrões – que Hannah sabia onde se encontrava por causa da história do livro –, já que era conhecido do líder, e tentaria tirar Cirena de onde quer que ela estivesse presa.

Hannah, Khalen e o grupo de Nil acompanhariam tudo às escondidas enquanto esperariam a deixa para invadir o esconderijo e pegar Cirena. O plano parecia

perfeito e com certeza tudo daria certo pelo menos era o que a jovem esperava.

Outro dia raiou e todos estavam prontos para colocar o plano em prática. Nil até já tinha conseguido se infiltrar no esconderijo, que era um pequeno vilarejo em ruínas, com a desculpa de que tinha vindo de muito longe apenas para visitar um velho conhecido. Hannah e o grupo de Nil já estavam prontos para invadir, só esperando Khalen desacordar os ladrões que ficaram de guarda fora e dentro do esconderijo.

O homem deu o sinal para o restante do grupo. Entraram no local – sujo e frio assim como todos aqueles. Procuraram Cirena e Nil por todos os lugares, mas não os encontraram até que suas visões focaram numa torre que ali havia. Era uma possibilidade.

Um arrepio passou pelo corpo de Hannah, que começava a se sentir nervosa.

No livro, a ladra não ficava presa numa torre, mas em uma passagem secreta dentro do quarto do líder. Todavia, eles já haviam vasculhado cada centímetro daquele lugar, menos aquela torre. As chances de Cirena e Nil estarem lá eram altas, e não podiam perdê-las.

Correram até a torre e não demoraram a adentrá-la. Subiram as escadas o mais rápido que conseguiram. Chegaram ao topo, mas, infelizmente, havia uma porta ali, e essa estava trancada.

– O que faremos agora, Hannah? – Khalen perguntou preocupado.

A garota observou a fechadura, olhou para seu co-

lar e, logo, uma ideia surgiu em sua mente. Ela segurou o colar e levou-o até o buraco da fechadura, forçando-a a abrir. A jovem sorriu ao ouvir um clique positivo. Khalen ficou sem reação, sem acreditar.

– O que foi? Achou que esse colar servia apenas para embelezar? – A garota falou, o que fez o home rir nervoso.

Todos passaram pela porta e começaram a vagar com seus olhares por todo o espaço. Até que Hannah vê uma cena que faz seu coração quase parar: Nil e Cirena estavam no ar, pendurados por duas cordas. Não havia nada abaixo de seus pés, apenas a terra firme lá de baixo. Se fossem jogados dali, provavelmente morreriam, já que a torre não era tão baixa quanto parecia.

Havia um garoto de costas, que segurava uma espada e passava-a sutilmente por entre as cordas.

– Nil! Cirena! – Hannah gritou desatinada.

Ainda tentou correr até eles, mas foi impedida por Khalen. O garoto com a espada se virou e a jovem pôde observá-lo melhor, levando as mãos à boca de tão surpresa.

O garoto com a espada era idêntico ao Muse. Tudo nele. Não conseguia entender o porquê de todos os personagens daquele livro se parecerem com seus conhecidos. Não conseguia entender assim como muita coisa na sua vida...

– Olhem! Mas vejam só! Temos visitas! – O garoto com a espada riu, olhando para Cirena e Nil. – São seus amigos? Vieram resgatar vocês? É uma pena que eles tenham tido tanto trabalho à toa.

Em um ato desumano, o garoto cortou as duas cordas, fazendo ambos os corpos caírem. Hannah e Khalen gritaram enquanto corriam até as grades daquela torre. Eles olharam para baixo e perceberam que Nil e Cirena ainda se seguravam por um pedaço de madeira que era pregado à estrutura do local. Porém, com o peso dos dois, aquilo não aguentaria por muito tempo.

– Rápido! Tragam a corda. – Khalen pediu aos outros que apenas observavam a cena.

O garoto que limpava sua espada, calmamente, como se nada estivesse acontecendo, reagiu. Uma raiva lhe subiu à cabeça, Khalen pegou sua espada e atacou aquele homem, que conseguiu se defender por pouco.

– Então queres me desafiar, Khalen? Não sabes o quanto esperei por isso. – O jovem bradou e ergueu sua espada, começando uma luta fervorosa com o chefe da guarda real.

Enquanto isso, Mei dava uma corda a Hannah, que logo a amarrou nas grades da torre.

– Hannah, a corda não é tão forte. Infelizmente, só poderemos utilizá-la uma vez para puxar apenas um deles, caso contrário, ela se partirá. – Jenny falou tristemente.

Agora cabia a Hannah escolher quem ela salvaria. A garota, não aguentando, deixou lágrimas escaparem de seus olhos. Não conseguiria escolher um dos dois. Nil acabou se tornando um amigo insubstituível, que havia lhe dado seu maravilhoso primeiro beijo e que tinha um coração de ouro. Cirena era o único meio de Hannah voltar para casa e, mesmo não conhecendo a

ladra, sabia que ela também tinha um bom coração, já que não roubava por prazer, mas por outras questões.

Como poderia escolher salvar um e sacrificar o outro? Não conseguiria.

– Hannah! – Escutou um grito rouco ecoar.

Rapidamente, olhou para baixo. Podia ver algo brilhar no rosto de Nil. “*Droga! Como eu queria ter o abraçado mais enquanto podia*, lamentou-se, a jovem.

– Hannah, não se preocupe! Tudo ficará bem! Apenas seja forte! – Nil gritou novamente para que a garota escutasse.

Sem tempo de conseguir responder ao rapaz, esse se soltou do pedaço de madeira, somente conseguindo ouvir o grito agudo de Hannah, antes de bater fortemente com o corpo em algo duro e tudo se apagou.

– Não, Nil! Não! – Hannah gritou inconformada e em prantos.

– “Por quê?”, era tudo o que a garota se perguntava internamente. “Por que as pessoas simplesmente não paravam de morrer por amor e começavam a viver por ele? Ela não conseguia compreender. Nil merecia tanto ser feliz e ter uma família. Morrer sem antes conseguir tal coisa parecia tão doloroso para Hannah. Era como se a vida da pessoa não tivesse valido a pena”.

– Hannah, rápido! – Jenny chamou a garota.

Mesmo toda trêmula e soluçando por causa do choro, ajudou a puxar Cirena, que já segurava fortemente na corda.

– Cirena, iremos te puxar! Segure firme! – Jenny exclamou.

Todos seguraram e começaram a puxar a corda, tornando tudo mais fácil.

Enquanto isso, Khalen e o líder dos ladrões se encontravam machucados e ofegantes. Nenhum deles se rendia. Contudo, num movimento rápido, Khalen deu uma rasteira no homem, que caiu no chão e bateu fortemente a cabeça. Ele ergueu sua espada até o pescoço do líder e forçou sua garganta, na tentativa de perfurá-la.

– Quais são suas últimas palavras? – Khalen perguntou.

– És um homem de sorte. – Murmurou o rapaz, espatifado no chão enquanto observava Cirena ser pega pelos braços por Hannah e pelo resto do grupo de Nil.

Em uma fração de segundos, o homem, ainda deitado, pegou a ponta da espada de Khalen.

– Não tenho mais motivos para viver se não posso mais tê-la. – Foram as últimas palavras que o homem sussurrou, ainda olhando para Cirena, antes de sua visão se escurecer definitivamente.

Khalen soltou a espada ainda atordoado. Não pretendia matá-lo, afinal, era comandante da guarda real. Queria apenas vê-lo apodrecer em uma cela pelo resto de sua vida, mas não esperava que aquele homem fosse se matar.

– Khalen! – Escutou o grito de Jenny e logo acordou de seu transe, virando de imediato.

Cirena já estava salva e todos estavam à sua volta. Hannah ainda chorava pela recente perda. Ela sabia que todos ali estavam tristes, mas tentavam se manter

fortes, como sempre fizeram.

A garota tentou limpar todas as lágrimas que insistiam em deslizar por seu rosto. Depois de estar mais calma e com uma visão menos embaçada, focou seu olhar em Cirena. Demorou alguns segundos para a imagem da ladra se formar nitidamente, fazendo a jovem arregalar os olhos de surpresa.

Definitivamente, todos os personagens ali eram pessoas conhecidas, já que quem estava à sua frente era sua mãe, porém em uma figura bem mais jovem do que atualmente. Parecia ter uns vinte e cinco anos, ou menos.

Cirena possuía cabelos ruivos e olhos verdes, iguais aos da mãe de Hannah. Em um instante, a adolescente se encontrava chorando novamente.

Tudo estava vindo à tona. Todas as lembranças – principalmente as com a sua mãe. Hannah sabia que ela não era uma má pessoa, apenas sentia dor como qualquer outro ser humano. Sabia o quanto a separação dos pais tinha afetado seu íntimo; o quanto era doloroso para a mulher ligar todo santo dia implorando para seu amado voltar; o quanto as brigas entre mãe e filha só machucavam ainda mais.

Em uma atitude súbita, Hannah se jogou nos braços de Cirena e a abraçou fortemente, como se quisesse que ela fizesse passar toda a dor que sentia. A jovem soluçava no pescoço de Cirena, que logo abraçou-a e alisou seus cabelos carinhosamente.

– Shhhhhh! Vai ficar tudo bem, meu amor. – A voz da ladra também era igual à voz da mãe de Hannah:

doce e carinhosa.

Cirena retirou seu colar e passou para o pescoço da jovem garota, conectando os colares.

– Sabes o que tens de fazer agora? Apenas sigas teu coração. Nunca irás caminhar sozinha. – A ladra sussurrou no ouvido de Hannah, que viu novamente o clarão aparecer.

Instantes depois, a garota abriu os olhos devagar, tentando se acostumar com a claridade do ambiente. Com a visão menos turva, conseguiu visualizar o teto branco acima dela, franzindo o cenho, confusa. *Onde estou agora?*, questionou-se.

Hannah tentou se mexer, mas sentiu uma dor forte em seu corpo, fazendo-a protestar baixinho. Ao erguer um pouco a cabeça, conseguiu ver o cômodo onde estava. Era um quarto de hospital. Não fazia a mínima ideia de como tinha ido parar ali.

Ao olhar um pouco para o lado, deparou-se com um corpo familiar, que repousava sua cabeça sobre os braços, na maca. Não conseguiu acreditar no que via. Era o Kris que estava ali, ao lado dela, dormindo.

Antes que a garota pudesse dizer qualquer coisa, a porta do quarto foi aberta e então, de pé junto à porta, estava a mãe da jovem, com uma expressão surpresa, mas, logo, substituída por uma outra feliz e sorridente. Com lágrimas nos olhos, a mãe correu e abraçou sua filha forte e carinhosamente, mas sem machucá-la.

– Graças a Deus! Não sabe o quanto eu fiquei preocupada, Hannah! Eu te amo. Eu te amo tanto! – A mulher exclamou com a voz embargada pelo choro. – Por

favor, me desculpe. Me desculpe, minha filha! Eu sei que fui uma péssima mãe, mas eu te amo e não sei o que eu faria se te perdesse. – Deu uma pausa para respirar. – Eu fiquei tão desolada e comecei a pensar inúmeras bobagens. Pensei até que você nunca mais acordaria ou que eu nunca mais veria seu sorriso, que tanto amo.

A mãe se afastou e segurou o rosto da filha com cuidado, dizendo:

– Eu falei com seu pai. Decidi colocar um ponto final em tudo. A gente se resolveu e agora está tudo bem. Ele viverá a vida dele em paz e eu viverei a minha do seu lado, meu amor.

Os olhos de Hannah começaram a lacrimejar e, em poucos segundos, ela não conseguia controlar as lágrimas, que molharam sua bochecha.

– Mamãe, eu amo você! – A jovem confessou-se, chorosa. – Me desculpe também. A culpa não foi só sua. Eu sei que deveria ter sido mais compreensiva.

– Shhh, não precisa! O importante é que você está bem agora. – A mulher alisou as bochechas da filha com os polegares.

– Mas... o que aconteceu? – Hannah perguntou.

Ainda não estava entendendo nada. Em um instante estava naquele mundo não tão desconhecido e, em outro, estava em uma cama de hospital.

– Não se lembra, filha? Você sofreu um acidente ao atravessar a rua e acabou ficando em coma. O motorista que a atropelou fugiu, mas foi pego pela polícia minutos depois. – A mãe afirmou com certa raiva na voz.

*Então tudo foi um sonho causado pelo coma? Nada daquilo foi real?*, perguntou-se internamente.

– O Kris que viu e socorreu você. – A mãe dizia com pesar. – Se não fosse por ele, filha, talvez você não tivesse sobrevivido. – A mulher falou enquanto sorria para Hannah. – Acredita que ele não saiu do seu lado nesses últimos três meses? Apenas ia para escola e para casa, mas, logo, já estava aqui de novo. Ele sempre andava com um livro. Eu, constantemente, pegava-o lendo aqui para você. Nunca vi tanto amor e tanta preocupação no olhar de alguém. Esse garoto realmente ama você!

Hannah olhou para o rapaz ainda adormecido e sorriu abertamente. Mesmo depois de tudo, ele ainda estava ali por ela.

– Vou chamar a enfermeira. Já está na hora de você comer. – A mulher falou.

A jovem assentiu e viu sua mãe sair do cômodo, voltando seu olhar novamente para o lado e notando um par de olhos caramelados que a observavam com tanta atenção. Hannah nem notara que Kris havia acordado, o que a fez se assustar brandamente.

Na mão do jovem, encontrava-se um livro tão familiar para a garota, que riu, descrente, ao notar o nome estampado em dourado: *As Crônicas de Gajah*.

*Deveria rir? Não sabia, mas achava tão engraçada a situação. Tinha sonhado com seu livro favorito e, por acaso, era Kris que o lia para ela enquanto estava descordada.*

Antes que pudesse dizer alguma coisa ao rapaz – que a olhava com um brilho indescritível no olhar –, foi

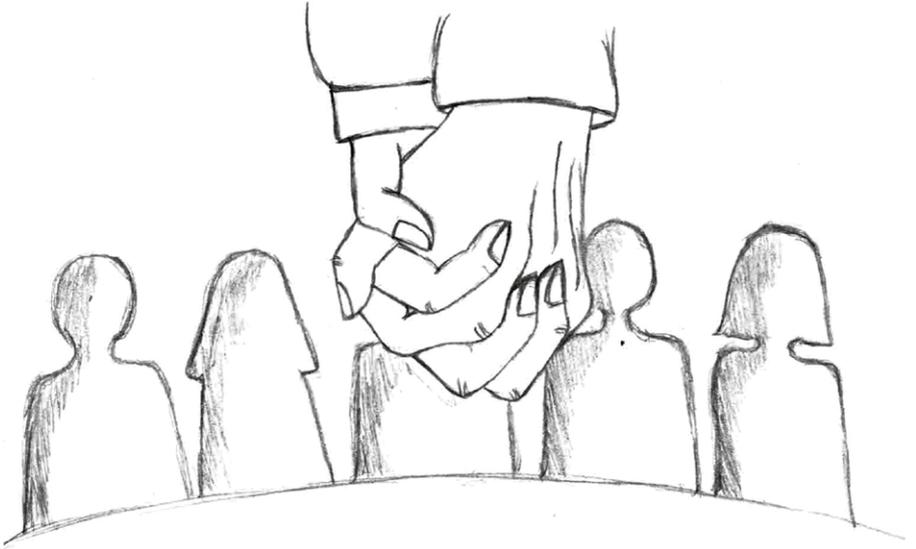
tomada de surpresa por ele, que, em uma ação rápida, tomou os lábios de Hannah para si.

A garota ficou sem reação no começo mas, logo fechou os olhos e apreciou aquele beijo, que era calmo e repleto de sentimentos.

– Eu amo você. – O garoto sussurrou à jovem, após o término do beijo.

*Sim, o garoto que ela amava a tinha beijado. E ele também a amava.* Pena que precisou sofrer um acidente para isso acontecer. Ela soube, naquele momento, que tudo tinha valido a pena. No final das contas, mesmo tudo tendo sido uma ilusão de sua cabeça, ela aprendeu muitas coisas naquela “viagem”. Aprendeu, principalmente, que o medo pode até existir, mas ela jamais permitiria que ele a fizesse deixar de amar e ser feliz.

– Eu também amo você! – Foi o que Hannah sussurrou à Kris antes de a porta ser aberta e a enfermeira passar por ela.



---

## 2 DESAFIO INICIADO

# VERNAM

**Por Henrique Targino de Lima**

Na escola Vernam, havia um grupo de quatro amigos: Jane, Maria, Marlison e Everton. Durante uma aula a que o grupo assistia, a porta de repente se abre e um garoto chamado Joy, entra. Ele era um jovem indígena e sonhador que ganhara uma bolsa de estudos naquela escola privada. Os jovens logo tentaram fazer amizade com ele.

Ainda durante a aula, Jane e Maria conversam e essa revela à sua melhor amiga seu sentimento (além da amizade) por Marlison. Jane fica espantada com a revelação, mas, sem hesitar, decidiu marcar um encontro com os quatros amigos, tendo em mente a intenção de deixar os dois a sós para Maria poder falar o que sentia a Marlison. Aproveitando a ideia de Jane, Maria teve outra: chamar o novato da escola para o encontro entre amigos.

Por mensagens, todos os quatros combinaram o encontro, que seria à noite.

No dia seguinte, na escola, o grupo de amigos foi falar com Joy e lhe fez o convite. Ele, de pronto, sugeriu o encontro poderia ocorrer na aldeia Catu onde morava.

Everton, com um tom preconceituoso, perguntou:

– Que diversão poderia ter em uma aldeia?

Joy, chateado, respondeu:

– Foi apenas uma sugestão para vocês conhecerem minha aldeia ou até mesmo me conhecerem melhor. Achei que era a intenção de vocês ao se aproximarem de mim.

Jane, uma garota muito gentil, logo disse:

– Desculpa pelo Everton! Às vezes, ele age feito um idiota, mas eu gostei da ideia.

Marlison e Maria também aceitam a proposta. Everton refletiu sobre o que foi dito para Joy, reconheceu seu erro e pediu desculpas, dizendo gostar da ideia de conhecer a aldeia.

Dois dias depois, Joy, como guia, apresentou tudo a seus novos amigos. Por todo o dia, os quatro se viram diante de uma cultura totalmente diferente e logo se encantaram com a crença dos aldeões, os rituais, o artesanato, o modo de vida.

No final do dia, já na saída da aldeia, aldeia, Joy e Marlison se despediam e conversavam sobre a entrada de Joy para time da escola. Everton, antes com seu preconceito para visitar a aldeia, agora, antes de ir embora, curioso conversava com os aldeões e lá tirava muitas fotos, encantado com a cultura.

Já em suas casas, todos conversaram muito por mensagens sobre o quanto havia sido bom conhecer a aldeia Catu, onde Joy vivia. Dentre as conversas, Jane perguntou se os quatro gostariam de ir à praia no próximo fim de semana. Everton respondeu que não poderia,

pois precisava estudar. Bem em seguida, mudou de opinião. Marlison disse que ia fazer uma surpresa para as meninas. Maria, apaixonada, logo criou esperanças, achando que ele se declararia para ela. Isso e muito mais continuou por altas horas da madrugada.

Pela manhã, na escola, Joy vai falar com Everton, que se encontra sozinho na frente do ginásio. Entre papos e mais papos, eles são pegos matando aula e são encaminhados à diretoria acadêmica. Depois do ocorrido, parece que se tornaram mais amigos ainda.

Ao saírem de lá, os dois encontram Jane conversando com Marlison no portão da escola, ambos prontos para pegar o ônibus para irem para casa. Estando os quatro na parada do coletivo, Jane faz um outro convite a Joy: ir a Cunhaú com os novos amigos.

Em seguida, Marlison pergunta:

– Joy, você não tem alguma rede social para se comunicar com a galera?

Joy, responde rindo:

– É claro que tenho, mim ser índio tecnológico.

Todos riem e entram no ônibus, logo após, Maria entra sem fôlego, pois quase que o perdi. O indígena do grupo, Joy, aos poucos estava vivenciando com aqueles uma nova experiência; talvez, a melhor possível em termos de amizade.

Em Vernam, antes de um dia intenso de aulas, o grupinho de amigos conversava na porta da sala de aula. Maria chama Jane para ir ao banheiro e desabafa dizendo que não aguenta mais não poder falar o que sente a Marlison. Também um pouco chateada por, no

dia anterior, não ter dado certo novamente.

Jane retruca:

– Todos os momentos eram coletivos, não tinha como dar certo, mas eu prometo ajudá-la, minha amiga.

Em seguida, elas retornam para a sala e assistem, juntamente com os outros da classe, a um dia inteirinho de aulas. Só pararam mesmo no horário das refeições.

Já na saída da escola, Marlison lhes chama a atenção:

– Galera! Vocês não lembram da surpresa que eu tinha prometido para as meninas? Esqueci de dizer na praia, mas a surpresa é que eu consegui um passeio no engenho de nossa cidade. Lá é um lugar muito bacana, um ponto cultural especial além de um rio maravilhoso para banho. Isto vai interessar as meninas, não é?

Jane logo se animou e olhou para Maria, que novamente criou esperança. Todos confirmaram presença, menos Everton, já que dessa vez decidiu ficar em casa estudando para uma prova.

Chegado o grande momento, Marlison passou primeiro na casa de Jane, na de Maria e depois na aldeia para pegar Joy e irem ao engenho. Ao chegarem lá, fizeram um passeio turístico guiado pelo marco histórico da cidade, foram ao rio, onde organizaram um piquenique embaixo de uma árvore.

Com roupas de banho, entraram no rio e se divertiram bastante. Joy observou que no local havia muitas mangas, fruta típica daquela época do ano, e teve a

ideia de chamar Maria para ir com ele ao sítio no próprio engenho, visto que ela era especialista em tirar mangas na escola. Jane e Marlison ficaram rindo com a aposta dos dois.

Maria e Joy subiram em algumas mangueiras, e esse, com todo seu carisma, fez a garota sorrir várias vezes ao mostrar suas habilidades em árvores.

Recolhidas as frutas, eles voltaram ao rio. Ao chegar lá, Maria se depara com uma cena esquisita entre Jane e Marlison, então vai embora sem se despedir direito e correndo. Jane até tentou explicar, mas não teve êxito. Marlison ficou sem entender; já Joy correu atrás de Maria.

Depois do fim de semana, em Vernam, o grupo fica dividido: Joy e Maria de um lado; Jane e Marlison de outro. Everton fica sem entender, assim como Marlison e Joy também estavam.

Dias e dias se passaram... Everton não aguentou mais a desavença entre os amigos e reuniu todos quando estavam em uma missa, que era memória um massacre que naquela igreja havia ocorrido. Everton aos choros, os amigos ficaram sem entender o motivo, rapidamente, abraçam-no e perguntam-lhe o que houve.

Everton fala:

– Agora, posso contar o que estou passando, posso contar a meus verdadeiros amigos o que me fez não ir ao engenho.

Um abraço coletivo surge antes de saberem do que se tratava.

– Estou muito doente e corro sérios riscos de vida. Vocês estão me proporcionando os melhores dias da minha vida, mas do passeio para cá estou percebendo que tudo mudou entre nós.

Todos ficam chocados com sua fala e choram também. Everton abraça os amigos e pede para que parem de chorar, pois só queria agora momentos de alegria. Imediatamente, Joy e Maria começam a cantar e a sorrir; Jane e Marlison os acompanham.

Com aquele velho papo de adolescentes, eles ficaram deitados em um gramado um pouco distante da missa até ela acabar e depois voltaram para seus familiares na igreja.

Na escola, todos estavam reunidos novamente. Por dificuldades acadêmicas, Joy pediu ajuda aos seus amigos. Sem perceberem, estudando, já estava tarde demais e a escola havia fechada, logo viram as ligações de seus pais preocupados.

Com essa situação todos riram muito, contudo Marlison falou:

– Galera! Eu nunca passei a noite no colégio, que tal dormimos aqui?

Todos gostam da ideia e concordam, no entanto Everton fala:

– Acho que vai dar encrenca!

Já que eram quatro contra um, ligaram para seus pais e mentiram, dizendo que iam dormir na casa dos seus amigos.

As divisões estavam feitas: Marlison, Jane e Maria ficaram responsáveis pela comida e as barracas que já

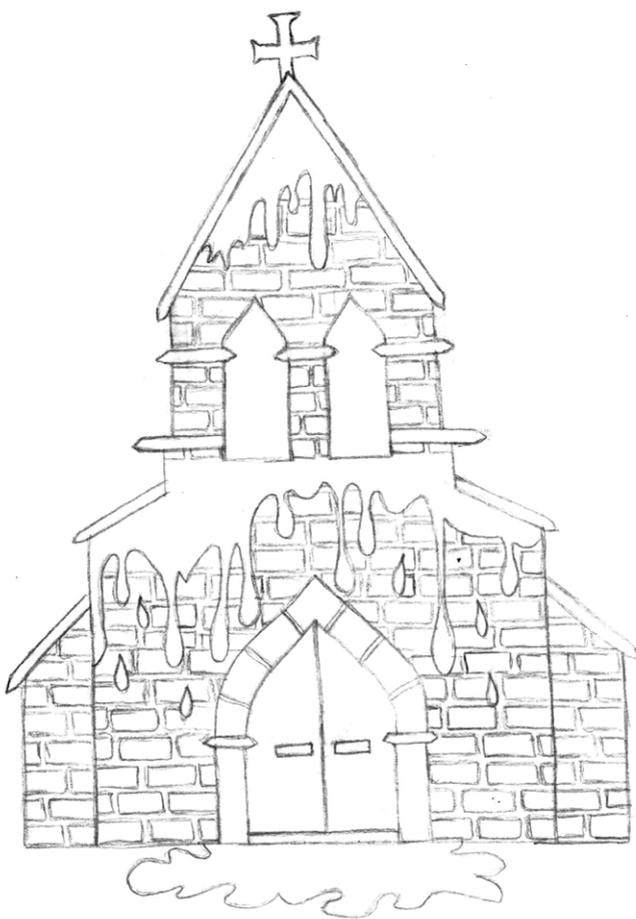
tinham no colégio e com a experiência de Joy em floresta, ele e Everton ficaram responsáveis pela fogueira. Com tudo pronto, fizeram uma roda de amigos e começaram a se divertir e conversar.

Após um momento tão sensível, Maria se encorajou para falar o que sentia por Marlison na frente de todos. Jane de forma estranha interrompe a fala de Maria puxando outro assunto. Marlison também a interrompe falando que revelaria o amor que sentia pela garota que estava entre eles. Jane puxa Maria para uma floresta que havia do lado da escola, ela olha nos seus olhos e fala que estava tendo um relacionamento com Marlison. E se explica:

– Eu não te contei antes por pena, porque sabia que você sentia algo verdadeiro por ele. Como sua amiga, sua felicidade é mais importante para mim, mas vejo que fiz tudo errado.

Maria encheu os olhos de lágrimas, saiu correndo e pulou o muro da escola. Jane não a alcançou. No caminho, ainda correndo, querendo apenas chegar em sua casa, Maria é atropelada por um carro. Joy, que estava logo atrás dela, grita com a cena.

No outro dia no hospital, Maria acorda e Joy está ao seu lado, com seu jeito engraçado e carinhoso, fez a menina sorrir, igualmente como havia feito no sítio do engenho.



---

**3** *PENSANDO EM DESISTIR  
OU CRIANDO FORÇAS PARA  
PROSSEGUIR*

## TRIBO TAPUIAS

**Por Natália Cristina Tertuliano Melo**

Em 1645, ocorreu um massacre em uma igreja, ordenado por Jacob Rabbi, com o auxílio de algumas tribos. Porém, um dos índios teve piedade de uma das crianças que chorava muito pela morte do pai e a ajudou a fugir da igreja.

A criança vagou por dois dias até acabar encontrando a Tribo dos Tapuias...

Cinco anos se passaram...

Um dia a criança escutou dois índios de sua tribo conversando sobre o massacre na igreja enquanto pescavam. Eles falavam sobre o envolvimento da Tribo dos Tapuias no massacre, o que amedrontou o garoto suficientemente para fazê-lo decidir retornar à cidade. Ele, então, pegou seus pertences e retornou para a área urbana com o objetivo de encontrar sua mãe.

Assim que retornou para a cidade, ele reparou o quanto tudo mudou: o local agora possuía mais casas, centros comerciais e pessoas. Ele acabou notando que as pessoas o evitavam, talvez, pela forma como estava vestido.

Ao entrar em uma loja e observar os artesanatos, um rapaz o chama. Ele logo o reconhece como sendo seu antigo vizinho.

– Zac? – O rapaz chama.

Ele estava acompanhado de seu pai e se mostrava bastante entusiasmado com seu retorno. Zac tentou saber sobre sua mãe, porém ambos desviaram o assunto. Mais tarde, naquele mesmo dia, ele pediu abrigo a seus antigos vizinhos, que aceitaram hospedá-lo sem ressalvas.

Quando chegaram à antiga rua em que Zac morava, reparou que sua mãe não morava mais lá. Agora, era habitada por um casal que possuía um filho pequeno. Zac pensou na sua infância e em seu antigo desejo de possuir um irmão mais novo para brincarem juntos...

Seu velho amigo lhe ofereceu comida e uma cama para que pudesse repousar.

Apesar de estar imensamente exausto, confuso com milhões de novas informações, questionou mais e mais o amigo a respeito de sua mãe. Descobriu que Jacob forçou a mãe do garoto a se casar com ele. Zac se via perdido cada vez mais em seus próprios pensamentos até cair no sono.

Na manhã seguinte, seu amigo lhe emprestou roupas para que pudesse ir até à cidade. Chegando lá, começou a perguntar às pessoas sobre a localização da casa de Rabbi. Depois de várias indicações, finalmente descobriu onde ficava.

A caminho da casa de Jacob, ele precisava passar

por um longo rio e, para isso, ele adentrou sorrateiramente em um barco responsável em levar suprimentos de um local a outro da cidade. Entretanto, acabou sendo descoberto e obrigado a saltar. Sem nenhum cuidado, empurraram o garoto com tudo no rio.

Graças aos anos que passara na tribo, Zac aprendeu a nadar perfeitamente, e isso deu-lhe uma nova vida.

Após alcançar a terra firme, bastante cansado, uma garota, que vagava pelo local, começou a rir da cena vivenciada pelo garoto.

Zac, que não gostou do riso da garota, aproximou-se dela e perguntou:

– Quem és tu?

Ela tentou correr dele, mas foi impedida.

– Sou Ana, filha de Jacob Rabbi.

Ele, por um momento estático e ainda muito cansado pelo percurso a nado, pede para repetir de quem ela era é filha.

Zac, percebendo um olhar receoso, conta uma história fantasiosa sobre seu barco ter naufragado e sobre como conseguiu sobreviver com toda aquela correnteza. Diz ainda que agora está sozinho no mundo.

Ela acabou ficando com pena do garoto e o convida para irem à casa de sua família.

Assim que chegou à propriedade de Rabbi, Zac julgou que aquilo estava longe de ser uma simples casa. Os jardins eram gigantescos e muito bem cuidados, e a própria casa, ou melhor, a mansão possuía beleza e tamanhos exuberantes, onde as paredes de vidro refletiam o brilho do sol dourado a todo instante.

Assim que a garota o guiou para a entrada principal da casa, Richard, o irmão de Ana, apareceu falando que Zac não era bem-vindo ali.

Os irmãos acabaram discutindo por causa disso, e Zac tentou evitar a discussão dizendo-lhes que encontraria outro lugar para passar a noite. A garota, então sem entender nada, pediu desculpas pelo comportamento do irmão.

Logo após o ocorrido, eles caminharam pelos arredores da casa, até o momento em que algo chama a atenção do garoto. Uma pedra com formato diferente de tudo que ele já viu; ela refletia a luz de uma forma hipnotizante. Ele guarda a pedra em seu bolso enquanto segue a garota até o estábulo.

Richard chama Ana para uma nova conversa, deixando Zac um pouco sozinho. Nesse ínterim, Zac achou melhor procurar um lugar para esconder a coisa mais linda do mundo em se tratando de pedra.

O estábulo possuía uma imensidão igual a tudo naquela mansão. Sua madeira era tão perfeitamente polida que ele ficou parado, admirando a beleza dela por um instante.

Ele caminhou pelo estábulo até reparar que em seu final não havia mais cavalos e a madeira era diferente, velha e gasta. Ele procurou por suas imperfeições até encontrar um buraco na parede, entre a grande quantidade de feno. Tal buraco possuía o formato perfeito da pedra que encontrara há pouco tempo. Instintivamente, inseriu-a no espaço que parecia ter sido feito para a pedra, e uma passagem secreta se revelou.

O rapaz correu para fora do estábulo e começou a criar fogo através de uma broca manual. Logo que uma pequena chama se formou, ele a transferiu para um galho envolto com um pouco de feno em sua ponta para, assim, aumentar a chama.

Zac vagava pela caverna gélida até se deparar com uma porta entreaberta, que dava para uma espécie de porão velho e empoeirado. Ainda ao vasculhar o local, ele acabava vendo uma pintura de uma mulher desconhecida, com longos cabelos castanhos e encaracolados.

Quando chegou ao fundo do porão, deu-se conta de que lá havia outra porta, que dava para uma longa escadaria feita de pedra, com pouca luminosidade. Ele subiu sorrateiramente até final, porém dando de cara com uma parede feita de pedra.

Tateou por toda a estrutura, pois pressentia que iria conseguir descobrir algo. Tanto que insistiu acabou encontrando uma espécie de interruptor entre as pedras, e ao pressioná-lo, a parede se abriu. Seus olhos demoraram um pouco para se acostumar com tanta luz.

Depois se deu conta de que estava em uma cozinha. Era enorme e repleta de utensílios da mais fina prataria, com um cheiro delicioso vindo das panelas, o que o fez reparar que estava com fome. As portas duplas da cozinha se abriram, e Ana entrou na cozinha.

– O que estás fazendo aqui? – Ela perguntou.

Ele, eufórico, contou-lhe sobre a passagem que acabara de descobrir. Ela não acreditou em nada ini-

cialmente e pede para que ele a leve até o porão.

Zac pediu para ficar no porão para que conseguisse explorar mais facilmente a casa. Ana relutou, porém acabou concordando que ele ficasse ali.

Algumas horas se passaram até que a garota retornou acompanhada de cobertas e uma cesta com comida.

– Não vais me ajudar? – Ela pergunta, rindo desajeitada.

Ele levantou e caminhou até ela. Ajudando-a a arrumar as coisas no porão, logo tratou de devorar as frutas apressadamente. Dentro da cesta também havia alguns livros.

– Calma, tu vais acabar se engasgando! – Ela disse.

Ele atendeu e pegou um dos livros, que chamava sua atenção. O livro era grosso, de capa amarronzada e possuía o desenho de um homem num cavalo, com o nome de *Dom Quixote*.

Algumas horas se passaram... Ela decidiu subir pela passagem para descansar um pouco, prometendo retornar no dia seguinte. Ele decidiu explorar a casa enquanto todos já estavam dormindo.

O rapaz ficou admirando os diversos quadros nos corredores, e a mobília enquanto imaginava como teria sido a sua infância caso tivesse crescido em um lugar como aquele.

Entre as cadeiras, encontrou uma pequena chave de ferro. Pensou que talvez pudesse ser de alguma utilidade no futuro, igual à pedra que havia encontrado anteriormente; então, guardou-a.

Decidiu entrar em um dos quartos. O ambiente era simplesmente deslumbrante. Entretanto, não era a mobília nem mesmo o acolchoado da cama que chamavam a atenção do menino, mas, sim, um quadro. Pensou tratar-se de uma pintura de Jacob com uma mulher. Mas não era qualquer mulher. Sua mãe estava muito linda, com seus cabelos negros, presos em um coque e um vestido digno da nobreza. Ela estava sorrindo e, por um instante, Zac se questionou: será que minha mãe está tão sem mim?

O garoto atordoado por causa do quadro olhou em volta. Achou uma tesoura, que se localizava em cima de uma mesa, e cortou o tecido do quadro em um acesso de fúria.

Ao rasgar o quadro, ele se deu conta de que atrás dele havia uma abertura na parede. Ao vasculhar a abertura, Zac encontrou moedas de ouro e alguns papéis. Então, novamente, guardou tudo dentro de suas roupas. Tentou arrumar o quadro no lugar, mas não muito o que fazer.

Zac decidiu continuar vasculhando o quarto. Agora, optava por checar o guarda-roupa. Bateu na madeira e, não se dando por vencido, empurrou-o e encontrou um velho medalhão, esculpido em um velho pedaço de madeira, preso a um cordão imundo.

Recordou-se de quando o esculpiu, juntamente com seu pai, para sua mãe. Nesse momento, agarrou o objeto com força, controlando imensamente suas lágrimas enquanto corria para fora do quarto, retornando para seu esconderijo.

Após passar por longa escadaria, a caminho do porão, acabou tropeçando e chamando a atenção dos guardas.

Os guardas correram rapidamente em direção ao barulho. Zac correu para a cozinha, torcendo para que os guardas não soubessem nem em sonho daquela passagem secreta. Para a sorte do menino, os guardas não conheciam o lugar, de modo que se permitiu dormir um pouco com o medalhão entre os dedos.

Na manhã seguinte, a menina enfurecida disse:

– Foste tu?

– Quê? – Ele pergunta, ainda atordoado pelo sono, tentando entender a situação.

– Eu sei que foste tu o responsável por destruir aquele quadro! Deveria entregá-lo aos guardas! HUUUUUUUUU, que raiva! De todo o jeito, agora, agora mesmo, tu precisas ir embora!

Ele assente, ainda confuso, sabendo que não havia como negar aquele feito. Junta suas coisas e parte juntamente com um papel, com o horário do próximo barco que sairá para a cidade, que a menina lhe entregou.

Os dois, então, seguiram o caminho de pedra da passagem secreta. Antes de chegarem ao final, Zac se deparou com um símbolo talhado na pedra. Aparentava ser um desenho antigo.

– O que é isso? – Perguntou para Ana.

– Não sei!

Ele pressionou o símbolo e uma porta foi revelada.

– Vais me dizer que não estás curiosa para saber o

que tem depois dessa porta?

Eles tentaram abrir a porta de todas as formas possíveis. Só dava para ouvir uma forte ventania vindo dela mesma. Uma respiração forte a mais surge no local. Ana pensara como aquilo estaria ocorrendo se só havia os dois ali? A garota segurava a mão dele, e ele a sentia completamente trêmula.

Com poucos segundos, no meio daquela imensa escuridão, surgiu uma luz embranquecida, juntamente com um rosto de dentro daquele símbolo, causando um grande estrondo no local.

Os dois se desesperaram e saíram correndo do local, abrindo e fechando rapidamente a porta, que dava para a cozinha.

– Não fales nada sobre o que acabou de acontecer e vá embora da mansão já – Ordenou Ana.

Ele sem entender o comportamento de Ana, mais uma vez obedeceu. Logo, caminha para o porto e se esconde em um dos barcos que estão retornando para a cidade. Ao chegar à terra firme, ele caminha pela redondeza até decidir entrar em uma das lojas de artesanatos.

Ainda tentando se recuperar dos sustos e das dúvidas, o garoto começou a observar os vários tipos diferentes de artesanatos e acabou escutando alguns homens conversarem com um balconista sobre o retorno de Jacob e sua esposa. Eles também conversavam sobre alguém que vandalizara a casa de Rabbi, dizendo que o indivíduo seria morto assim que soubessem quem fora o responsável pelo feito.

– Em quanto tempo eles retornarão? – Perguntou um dos homens.

– Duas semanas. – Respondeu o balconista enquanto recebia o dinheiro de alguma compra.

Duas semanas, o garoto pensou ser um bom tempo...

Em uma tarde, o garoto foi até o centro da cidade. Chegando lá, deparou-se com uma aglomeração e quis saber do que se tratava. Começou a entrar na multidão sorrateiramente. Deu-se conta do motivo de tanto alvoroço: sua mãe e Jacob retornaram para a localidade.

Zac conteve sua vontade de ir até a mulher, abraçar, chamar de mãe, enfim, sentir o aconchego de seu colo, pelo qual ansiava há muitos anos. Ficou reticente no que poderia acontecer a ele e a sua mãe caso agisse assim. Enquanto isso, ele se indagava como todas aquelas pessoas não sabiam com quem estavam lidando. Convictamente, sabia que Jacob era uma “persona non grata” para qualquer um de bom coração.

Alguns minutos se passaram até finalmente um navio chegar ao porto. Zac percebeu que eles iriam naquela embarcação. Enquanto sua mãe entrava no navio, acompanhada de Jacob, o menino, assim que teve uma oportunidade, entrou também se resguardando atrás de outros que subiam pelo único local de subida. Ele permaneceu escondido entre vários caixotes até o momento em que o navio parou no porto da ilha de Rabbi.

Ele saiu por último do navio e vagou pela floresta até achar um bom momento para alcançar a grandiosa propriedade dos Rabbi. Ao chegar à mansão, ele ca-

minhou até o estábulo e usou novamente a pedra que encontrara, havia uns dias, para entrar pela passagem secreta.

Enquanto caminhava, notava que o local estava diferente, pois um novo caminho tinha sido aberto ali. Então, seguiu por esse caminho e acabou encontrando uma passagem para uma parte da ilha, que desconhecera. Ele caminhou até avistar um campo imenso e verde, repleto de árvores e flores bem cuidadas além de um lago com água cristalina, que encantou Zac a ponto de deixá-lo estático de tamanha beleza.

Não se deu conta de que, naquele momento em que o campo lhe chamava a atenção, uma velha amiga estava por ali.

– Ana? – Zac perguntou com desconfiança.

Ela olhou para ele assustada e terminou de enfiar algo em um buraco e tampou-o antes de se virar para ele.

– O que estás fazendo aqui? – Ela perguntou.

– Eu encontrei este lugar através das passagens secretas. – Ele contou

– Não acredito! Acho mais provável ter me seguido até aqui... Porque tu és bom em inventar histórias, não é?!?

– Ana, pare com isso, por favor! Vamos ver o que acabei de descobrir?

Eles caminharam concentrados pelo túnel até chegarem ao porão. Zac mostrou a nova passagem que o levou até o lindo campo, e, assim que pararam, Ana perguntou com sofreguidão:

– Por que tu retornaste?

Ele para um pouco, tentando bolar uma boa resposta, mas ela continua:

– Eu sei que o naufrágio não ocorreu. Tu invadiste aquele barco e foste expulso! Portanto, antes que tentes me contar mais mentiras, espero que tu penses muito bem no que irás me falar.

Zac respirou fundo, dando-se por vencido, e contou:

– Tudo que fiz até aqui foi por causa de minha mãe; a mulher que se casou com seu pai, Ana!

Depois de contar tudo o que ocorrera com ele, pensou que ela gritaria com ele ou o insultaria, porém ela não fez nada disso. Pelo contrário, abraçou-o intensamente.

– Sinto muito que tenhas precisado passar por tudo isso!

– Eu não compreendo... – Disse Zac.

Respirou fundo para conseguir continuar a conversa.

– Eu não compreendo o motivo de meu pai fazer essas atrocidades com as pessoas.

Eles sentaram-se lado a lado. Ela contou sobre como era a mãe de Zac nos mínimos detalhes. Inclusive, durante todos aqueles anos, infeliz no casamento com Rabbi.

– Tu me ajudarias? – Perguntou o menino.

– Co-o-mo? – Ela indagou bastante confusa.

– Eu quero acabar com seu pai e salvar a minha mãe. Eu o matarei se for preciso! – Ele disse com confiança.

Ela se levantou abruptamente.

– Eu não posso ajudá-lo a matar meu pai. Tu estás louco? Ele pode ser um monstro, mas ainda é MEU PAI, entendeu? Eu... não conseguiria viver sabendo que participei de uma atrocidade dessas.

– Tu guardarias um segredo? – Perguntou o menino.

Ela não responde. Começa a caminhar pelo porão. Para em frente a um quadro empoeirado, o mesmo quadro da mulher que lhe chamara a atenção na primeira vez que estivera ali.

– Mãe... – Ela sussurra, tentando segurar as lágrimas novamente.

Ele, então, abraçou-a em uma tentativa de consolá-la.

– Se me permites perguntar... O que aconteceu com sua mãe?

Ela, sem titubear, contou que, assim que ela morreu, seu pai lhe disse que estava gravemente doente havia muito tempo.

– Mas não consigo entender uma coisa... No dia anterior à morte dela, estava tão feliz. Ela queria viajar comigo e conhecer o mundo. Foi tudo tão repentino!

– Podemos tentar descobrir o que realmente aconteceu com sua mãe, e tu podes me ajudar a salvar a minha. Não desejo que ela tenha o mesmo fim que a sua...

– Eu preciso pensar. – Ana disse.

Em seguida, pediu para que Zac fosse a um cômodo indicado por ela e que eles se encontrassem novamente à noite.

Ele se retira, mas não vai ao local indicado. Resol-

veu caminhar por uma estreita estrada de terra, que, ao fundo, dava para avistar uma casa. Foi até bem perto da varanda. Nela havia um homem sentado em uma cadeira de balanço, fumando um charuto.

– Eu estava esperando por tu, meu jovem. – Disse o velho.

– Como? Por quê? – Perguntou o garoto, mais confuso do que nunca.

– Eu o ajudarei a salvar sua mãe!

– Tu me conheces? Como?

Ao contrário do menino, o velho, com um olhar confiante, proferiu:

– Zacarias de Oliveira, filho de Clara e Tadeu de Oliveira. Eu sei tudo sobre tu e sobre todos!

O menino recuou dois passos.

– Como você sabe isso? Quem é você?

O velho sorriu, foi se levantando e caminhando até ele.

– Eu sei de tudo! Eu sei o que aconteceu com você há anos. Eu sei como seu pai morreu e sei também quem foi o índio que ajudou em sua fuga. Sua estada na Tribo dos Tapuias. Nada ocorre em meu território sem que eu tenha conhecimento.

– Como tu sabes isso? Quem es tu? – Pergunta o mais jovem.

– Existem forças que tu desconheces, garoto. Guarde estas palavras: aquele homem pagará por todos seus crimes.

Por encanto, o homem desapareceu, e a porta da casa se abriu.

– Eu estou ficando louco! Não é possível... – Em voz alta, comentou.

Ele partiu para dentro da casa. Sobre uma mesa de madeira, encontrou um papel com os seguintes dizeres: “Tu encontrarás o que procura na caverna do velho lobo”

– Quê? – Pergunta o menino para si. – O que está acontecendo aqui, meu Deus?!?– sussurra, confuso.

Atrás do papel, havia outra mensagem, que Zac deveria procurar o jovem inglês que fora criado em Portugal. Ele não conseguia compreender tudo o que estava lendo, mas guardou a sete chaves e decidiu que encontraria o tal inglês.

Quando anoiteceu, foi ao encontro. Ana estava exatamente no local combinado. Para tirar a cisma de sua cabeça, ele lhe mostrou o papel sem antes falar nada.

Ela interpretou que a caverna do velho lobo deveria ser o escritório de seu pai, pois apenas esse permitia que as criadas entrassem para fazer a limpeza. Asseverou não saber do jovem inglês.

Partindo dali, o garoto entrou no último barco que ia para a cidade naquela noite.

Ao aportarem, Zac se deparou com o senhor misterioso. Novamente, fumando um charuto, com vestes muito alvas e, em sua cabeça, um chapéu de palha. Sem pensar e com medo daquele homem desaparecer como um passe de mágica, foi logo se aproximando.

– Senhor, quem seria o tal jovem inglês? Perguntou sem nenhuma cerimônia.

– Olá, Zacarias! Como tu estás? – Cumprimentou o homem.

O velho sorriu e lhe contou que se trata de Tom Riddle, o único que Jacob Rabbi realmente teme; consequentemente, o único que o desafia.

– E, pelo amor de Deus, diga-me onde posso encontrá-lo?

– Meu bom rapaz, Tom possui um animal de estimação fora do comum... Uma cobra.

Ao dizer isso, some novamente. O garoto, indignado com tanto suspense, saiu caminhando pela cidade, pela floresta diversas vezes, a fim de encontrar algo parecido com o que o velho falou. Entretanto, um grandioso buraco, maior duas vezes que o próprio garoto, foi visto pelo garoto. Entendeu que aquele espaço era totalmente cheio de mistérios e situações imprevisíveis. Então, entrou no buraco sem medo.

Enquanto se perguntava aonde aquele túnel ia chegar, Zac foi surpreendido com uma estrondosa queda diretamente em uma poça d'água barrenta, típico de terras não urbanas. Antes mesmo que ele pensasse em se levantar, um homem o segurou pelo o que tinha a pretensão de ser uma gola da blusa, levantando-o de supetão, sem tempo nem para respirar.

– Quem és tu? Responda rápido! – Inquiriu com um sotaque estranho.

O homem pressionou uma adaga contra o pescoço do menino e bravejou:

– Última chance! Quem és tu? – Perguntou Tom.

– E-Eu... Eu sou Zac... Estou procurando um ho-

mem chamado Tom Riddle. – Respondeu tremendo da cabeça aos pés.

– Procurando-me? Por quê? Explique-se já!

Tom soltou o garoto, e este começou a contar-lhe tudo o que lhe aconteceu e como ele foi parar ali. Contou até sobre o velho misterioso.

– Como posso confiar em ti? Como posso ter a certeza de que isso não passa de um plano de meu inimigo?

O garoto começou a ser revistado por Tom. Sua bolsa foi sacodida, e de onde caíram diversos papéis e bastante ouro.

– O que é isso tudo? – Perguntou Tom.

– Eu encontrei no quarto de Jacob Rabbi! – Respondeu com muito medo ainda.

– Sabes o que é isso, menino?

Zac nega com a cabeça.

– Nestes documentos, há todas as datas das embarcações de armamento.

Tom sorriu, vitorioso com o que acabara de ter em suas mãos, sem o menor esforço.

– Isso significa que irás me ajudar?

– Sim, eu irei te ajudar se tu trouxeres mais documentos com informações sobre as embarcações. Amanhã pela manhã, bem cedo, encontre-me no porto, no vão 08, sentido cidade, de posse do que lhe pedi.

O garoto assentiu indubitavelmente...

Já era tarde da noite, na ilha de Rabbi, quando Zac se dirigiu até a passagem secreta para poder entrar na casa. O garoto seguiu a dica de Ana sobre a pequena chave de ferro.

De frente para a porta de Rabbi, que se encontrava trancada, Zac decidiu tentar abrir a porta com a chave que havia encontrado, e logo escutou o sim da fechadura. O garoto só não gritou porque realmente poderia ir tudo por água abaixo.

Com a vela que possuía na mão, entrou, sorrateiramente, no escritório de Rabbi. Começou a vasculhar tudo e pegar todo tipo de papel do lugar. Não sabia se serviria. Depois de tanto procurar, Zac decidiu passar no quarto de Ana.

O menino se aproximou da cama da garota a passos lentos e a observou por alguns instantes. Em sua cabeça, só passava o quanto era linda e o quanto se parecia com o retrato de sua mãe. Cuidadosamente, passou a mão pelos fios de cabelo e beijou-a na cabeça.

Ao se virar para ir embora, ele sente sua delicada mão em volta de seu braço e um leve sussurro dizendo “fiques”. Ele viu que Ana estava com os olhos fechados. Ele deu a volta na cama e deitou-se a seu lado.

Após um tempo fitando o teto, ele sentiu a garota se remexendo na cama e a olhou. Ela continuava de olhos fechados, porém, agora, virada para ele.

No outro dia, bem cedo, Zac, sozinho, acordou e foi direto para a cozinha. Deu de cara com Maria, uma empregada da casa, que pronunciou:

– Zac, tu por aqui! Ana me falou tanto sobre tu! – O garoto ficou atento.

– Falou? – Desculpe, mas quem é a senhora?

– Sou Maria, a cozinheira desta casa há muitos anos, garotinho!

Pensando nos documentos que precisava entregar a Tom, falava com Maria e já olhara para o dia através da janela.

– Desculpe-me, Maria! Tenho que ir agora.

O garoto saiu sorridente pelo que Maria relatou... Zac não perdeu tempo e foi ao porto. De longe, já avistou Tom, no lugar acertado.

– Senhor, eu me atrasei? Desculpe-me, pois o trajeto é bem complicado até aqui. – Disse ofegante.

– Tudo bem, tudo bem. O que trouxeste para mim?

Zac entregou-lhe todos os papéis encontrados, sem ter ideia do que se tratava. Tom olhou um a um com bastante atenção.

– Aqui! Achei! – Sorrindo ao vento.

– Achou o quê, senhor?

– As pessoas que vão estar lá e qual é a mercadoria. Muito bem, garoto!

– Então, o que faço agora?

– Agora você espera. Irei viajar a Portugal e planejar tudo. Tenha paciência... É o que peço. Agora, vá!

Zac retornou para a ilha naquele mesmo dia para se encontrar com Ana. No lago, ele contou sobre Tom.

Os dias foram passando... Ana e Zac ficaram cada vez mais próximos: no lago, nas passagens secretas, andando juntos ou pé ou a cavalo... Os momentos em que estavam juntos eram os mais felizes.

Certo dia, ao nascer do sol, foram avistados dois grandes barcos se aproximando. No topo de um, estava Riddle, como o grande comandante que era.

Ao pisarem em terra firme, os portugueses e os sol-

dados de Jacob começaram a travar uma grande batalha. Tom ia em direção à sua casa a passos largos. Zac e Ana apareceram correndo de mãos dadas em frente da casa, de onde Jacob saiu agarrando o braço da mulher e a fazendo de refém. Ele sabia que aquela batalha já estava perdida, pois os portugueses tinham o triplo de homens e de armas.

– Mãe! – Zac, finalmente, gritou o que mais quis fazer durante todo esse tempo.

– Zac! Ela, com lágrimas no rosto, desespera-se.

Nesse momento, Jacob encarou o garoto como se fosse um fuzil.

– Foste tu, não foi, seu pirralho?

Jacob jogou a mãe de Zac no chão e disse a Zac:

– Você se infiltrou em minha casa, persuadiu minha filha a me trair! Seu miserável! Vai ter troco!

Ele se aproximou do garoto com a espada erguida, mas Isabel segurou o braço de Jacob com toda a força que possuía e esbravejou:

– NÃOOOOOOOOO! Não machuque meu filho!

– Solte-me, sua louca! Tu não passou de uma marionete para mim, e já passou da hora de se juntar a seu marido!

Jacob Rabbi a empurra de novo no chão, e, antes que matasse Isabel, Zac pegou um grande pedaço de madeira e bateu fortemente em suas costas.

O mal homem virou-se furioso, rosnando igual a uma fera. Zac segurou a mão de Ana, e correram dali. Entretanto, Rabi não desistiu facilmente.

Quando já estava perto de alcançar os dois, Tom

Riddle surge, fazendo Rabbi travar no lugar.

– Quanto tempo, não é mesmo, Jacob. – Tom, com sorriso provocativo no rosto.

– Riddle? – A voz de Rabbi, uma mistura de raiva e medo.

– Tu me tiraste minha filha e minha mulher de mim.

Tom, então, ergueu sua espada e foi em direção a Jacob. Os dois começam a luta que há protelaram. Não dava para saber quem sairia vencedor.

Após um tempo, Tom faz com que a espada de Rabbi voe longe, e ele se ajoelha diante Riddle, com a ponta da espada em sua garganta.

– Ninguém irá sentir sua falta, Rabbi.

Ana esconde seu rosto no pescoço de Zac, que também fechou os olhos para não ver o que aconteceria em seguida.

– Zac! – Isabel gritou e foi correndo em direção a seu filho.

Zac soltou Ana e correu em direção à mãe, abraçando-a fortemente e dizendo.

– Mãe, que saudade! Que saudade de tu, mãe!

Tom olhou para todos a sua volta. Encarou Ana por alguns segundos. Seu sorriso virou emoção... Tom se aproximou da garota devagar.

– Ana, minha filha...

Ana, Zac e sua mãe olharam espantados para aquele homem, que há segundos era totalmente um estranho.

– Tu... tu és meu pai? – Ana, atônita, perguntou.

– Sim, sou!

Ele sorriu para a menina, que também sorriu de volta. Abraçaram-se por longo tempo.

Quando Zac voltava para sua casa, depois de se despedir de todos da mansão, avistou o velho de chapéu de palha e quis estreitar uma conversa:

– Acredito que o senhor já saiba de tudo, não é? Mas por qual razão me ajudou? Zac apenas espera, e o poderoso velho sorriu e asseverou:

– Estava apenas repassando a mensagem; cumprindo a promessa de amigo.

Nesse momento, uma imagem se desenha por trás do garoto.

– Pai? – O garoto pergunta, com lágrimas nos olhos e um grande sorriso.

– Meu filho, estou tão orgulhoso de tu!

Os dois se abraçaram por pouco tempo...

– Eu te amo tanto, Zacarias! Por mim, cuide de sua mãe!

O garoto Zac viu seu pai e o velho caminharem em direção ao mar, sumindo aos poucos.

– Irei cuidar sim, pai! Sempre!

*PÁGINA EM BRANCO*



---

## 4 FASE DESAFIO TOTAL

## *A REGIÃO PROIBIDA*

**Por Semaias Rangel de Oliveira Machado**

Chris Kennedy, popularmente conhecido como CK, vivia nos arredores de uma vila chamada Angel Pine. Ele era um jovem explorador, gostava de se aventurar, mas não encontrava naquele lugar uma só aposta. Suas aventuras tinham uma só motivação: à busca de conhecimento. Sua curiosidade se resumia em saber mais e mais.

Certo dia, passeando nas montanhas em volta da vila, ele encontrou uma caverna, com um cartaz logo na entrada, no qual estava escrito: “Região Proibida - Não Entre!”.

Movido por curiosidade, depois, por teimosia, o jovem ignorou a placa e entrou na caverna destemido.

Em meio à escuridão da gruta, CK escorregou e caiu em um enorme buraco. Levantou atordoado e com algumas dores. Ao olhar à sua volta, percebeu que nada lhe parecia familiar: o relevo, agora, todo plano; as cores frias davam um ar sombrio ao lugar, ou melhor, ao buraco.

Ele, na tentativa de sair daquele tenebroso espaço, caminhou. Caminhou muito e sem destino...

No ambiente, foi vendo que havia uma espécie de paredes suspensas, desconsiderando, 100%, as Leis de Newton.

Olhou mais de perto para entender aquela mágica. Em algumas, havia marcações do tipo hieróglifos. Entre tantas, verificou que uma era especial, pois eram representações do alfabeto romano. Aparentemente desordenadas, mas eram, sim, reconhecíveis. Depois de fixar o olhar – pois, com alguns minutos, elas desapareciam –, conseguiu ler o enunciado matizado: “o êxito na saída deste mundo só será possível àquele que desvendar seus enigmas”.

O rapaz se entusiasmou com o desafio, porém, ao mesmo tempo, ficou receoso, porque não sabia o que estava por vir. Ora, uma pessoa mais louca por enigmas que CK ainda estaria para nascer.

Depois disso, não precisou andar muito para encontrar uma lamparina bem à sua direita, jogada perto de algumas pedras. Nela, estava escrito: “use-a para iluminar seu caminho de volta à sua casa”.

Mais à frente, à sua esquerda, CK se deparou com mais um desafio, que poderia deixá-lo ali ou traspasá-lo para outras etapas.

O ambiente se desenhava como um portão com duas letras e uns espaços entre elas. Pensou se tratar de uma brincadeira chamada “forca”.

As letras não faziam nenhum sentido. Chris olhou para a lamparina e percebeu um brilho estranho, que saía de dentro dela, e sinalizava para o portão.

Por intuição, realizou a ação, e os espaços vazios

foram preenchidos como um passe de mágica. Em seguida, um portão se abriu esplendorosamente. Assim que CK passou por ele, surgiu um novo enunciado no novo local: “não se atreva, Dr!!”.

Agora, vagando por um terreno íngreme, o jovem se viu diante de um paredão. Não podia mais andar em direção nenhuma. Todas as vezes que tentava, o terreno voltava a ficar inseguro, e ele não sabia se andasse, corresse ou pulasse. Só uma coisa era certa: a presença de muitas vírgulas fazia-o pensar sobre o enunciado cada vez mais. Esse esforço lembrou imediatamente a imagem de um montanhista escalando uma rocha.

Tentando subir na primeira vírgula que se aproximou, não teve êxito como também em muitas outras que surgiram. Todas se desprenderam de suas mãos; deixando-o sempre no vácuo.

CK, não estando convencido do fracasso nessa etapa, olhou para o enunciado completo. Após a leitura, concluiu que a má colocação das vírgulas estava ocasionando todo aquele tormento no pensamento. Com isso, fez mais uma tentativa e viu que desvendou o grande mistério, escalando tudo tranquilamente.

Lá no topo, enxergou um pergaminho e uma pena molhada de tinta no chão. Naquele estava escrito: “não esqueça sua jornada, grave o caminho e se surpreenda ao final”. Com alguns segundos, o enunciado desapareceu.

Ele seguiu à risca o conselho: fez uma marcação

semelhante a um mapa e alguns tópicos...

Caminhando por mais um túnel sinistro, frio e úmido, CK pisou em inúmeros quadrados; cada um com uma letra. Sem tempo nem para pensar, viu-se em queda livre.

Por causa da sequência formada ser a palavra “abismo”, Chis voltou à etapa anterior, ou seja, teve que reestruturar as vírgulas no enunciado e achar quadrados mais adequados para poder avançar.

Exitoso, foi à etapa seguinte, acentuou todas as palavras, baseando-se no novo acordo ortográfico, e o chão brilhou de forma mágica

Depois de ter andado bastante, subido e descido colinas, ainda se viu diante de uma imensa palavra cruzada. Observou em volta, mas nenhuma dica por onde iniciar.

O jovem olhou para si mesmo e relembrou os momentos anteriores. Pensou nos obstáculos que teve de superar e no conhecimento ampliado. De olhos fechados, disse a si mesmo: por mais que os obstáculos apareçam à sua frente, o caminho do conhecimento é recompensador. Mesmo aparentando ser impossível, com calma e raciocínio, você poderá superar qualquer barreira. O conhecimento nunca para, sempre está a nosso serviço, e eu tenho que acompanhá-lo.

Depois disso, Chris Kennedy se surpreendeu com o resultado: tudo que pensara foi exatamente a resposta do último enigma.

Um brilho magnífico e muito intenso – vindo do céu e da etapa chamada “palavra cruzada” –, vai em

direção a CK... Quando conseguiu, finalmente, abrir os olhos, viu seu ambiente familiar... Alegrou-se logo porque reconheceu estar de volta a Angel Pine.



---

5 RESETAR TUDO OUTRA VEZ

## *COMO NOS CONTOS*

**Por Maria Eduarda Alcântara da Silva**

A vida é muito curta para não ser explorada, foi o que pensou Mia – uma garota de dezessete anos, cabelos negros, de personalidade forte e espírito aventureiro – ao sair de sua casa.

Em todo o trajeto até a escola, pensou em como a vida pode ser curta, como pode proporcionar desafios; e, por meio desses, muitas glórias e vitórias.

Em sala de aula, por ironia, ela assistiu a aulas de filosofia, que só a fizeram reforçar seus pensamentos e quase conclusões: explorar o mundo de alguma forma...

Por pura coincidência, após o toque de saída, recebeu uma mensagem anônima em seu celular, a qual convidava para ser uma colecionadora de artefatos e exploradora de mundos distintos. Além disso, nessa proposta, dizia que, se encontrasse todos os artefatos misteriosos, ela ganharia uma incrível recompensa. Movida por emoção mais curiosidade mais desafio mais possibilidade de realizar sonhos e mais sonhos, a adolescente aceitou embarcar nessa viagem.

*Ativado por uma espécie de leitor de pensamentos, um clarão apareceu à sua frente, e Mia foi subtraída para um buraco, que era conectado à floresta enigmática.*

*Desnorteada com o tombo, a estudante se levantou, ainda retirando os galhos de árvore de seu cabelo comprido, e se direcionou a uma suposta aldeia. No caminho, recebeu outra mensagem de texto: “o primeiro conflito a ser resolvido é na aldeia dos índios. Vamos lá! Inicie a missão!”.*

*Ainda prestando atenção ao enunciado, começou a pensar que seu aparelho tecnológico era muito potente mesmo... O celular conseguia funcionar naquele espaço, onde ela mesma nem sabia de nada...*

*Ao desviar o olhar do aparelho, Mia observou que um garoto indígena vinha a seu encontro. Ela, um pouco assustada, correu em direção à aldeia, onde encontrou mais indígenas.*

*Percebendo a multidão que se formava, a garota ficou paralisada, e o garoto, ainda sem nome, chegou um pouco depois.*

*O cacique aproximou-se dela e a questionou sobre o que fazia ali. Bem nervosa e ao mesmo tempo surpresa pelo chefe maior daquela organização social ter conhecimento de sua língua materna, Mia explicou que aceitara uma proposta de explorar o mundo e colecionar artefatos fantásticos.*

*A menina, antes nervosa e surpresa, agora foi ficando preocupada e mais surpresa ainda, porque todos daquele lugar diziam que ela era muito bem-vinda por ser a salvadora dos conflitos da região.*

*Sem entender nada, Mia foi levada para uma espécie de "tiro ao alvo", onde deveria usar o arco e a flecha precisamente em palavras escritas. Meio sem entender tudo aquilo, começou a executar o suposto desafio. Ao final da atividade, visualizou o enunciado: "Parabéns! Mira perfeita!", e, rapidamente, o artefato caiu em suas mãos*

*Junto ao artefato – o qual era uma flecha com as palavras escritas "oxítona, paroxítona e proparoxítona" –, existia o índio chamado Javé, aquele que inicialmente a assustara, para ser um guia turístico e um posterior amigo nas próximas missões. Assim, a partir daquele instante, não só um, mas dois aventureiros foram transportados para a cidade, aparentemente, nos dias atuais.*

*Diferentemente da época em que estavam, Mia e Javé caíram dentro de um prédio, semelhante a uma prefeitura, e, logo, Mia recebeu outra mensagem em seu celular: "Quer ganhar mais um artefato? Então, resolva o conflito entre o prefeito e os povos indígenas".*

*Eles, de imediato, foram ao encontro do prefeito e perceberam que esse político possuía um grande problema: cartas à população indígena não eram enviadas, pois todas as pontuações se apagavam, antes mesmo de o trabalho chegar ao fim.*

*A garota leu a carta e percebeu que tudo ali estava precisando de ajuste como vírgulas, ponto-e-vírgulas, pontos-finais...*

*Javé, como guia turístico e como um grande conhecedor das línguas do mundo, afirmou que encontrariam o que precisavam na igreja, localizada no centro da ci-*

*dade. Como para Mia “missão dada é missão cumprida”, tratou logo de seguir a sugestão do índio... Partiram em viagem até a igreja matriz, a fim de solucionar outro enigma.*

*Chegando à porta principal, os aventureiros observaram uma espécie de jogo da memória entre os bancos. Ao concluir essa etapa e de posse dos materiais necessários ao envio das cartas à comunidade indígena, os dois amigos voltaram ao prédio da prefeitura e ganharam mais artefatos: uma pena em forma de vírgula, e uma comenda com a seguinte frase: “não se meta entre os sujeitos e os predicados”.*

*Depois que conseguiram resolver esse desafio, os adolescentes foram levados a outro cenário por meio do mesmo túnel que, anteriormente, levou Mia à aldeia. Dessa vez, aparentavam estar no litoral, na década de 90. Ao chegarem lá, a menina recebeu outra mensagem: “sua meta agora é não deixar os banhistas chateados. Vamos lá! Procure a placa!”.*

*Mia alertou Javé sobre o que deveriam procurar para solucionar mais um problema. Não tão surpreendido, o garoto logo localizou a tal placa e Mia entendeu o enigma. Dessa vez, existia ambiguidade em um período escrito e, por isso, tinha causado tanta confusão.*

*Como parte do desafio, Mia foi levada para jogar uma partida de vôlei de praia, em que, a cada ponto adquirido, a bola mostrava uma dica de como não causar ambiguidade em textos orais ou escritos. Ao concluírem mais uma tarefa, os dois ganharam mais artefatos, aumentando ainda mais a coleção.*

*Mais uma vez, os exploradores foram levados para outra dimensão; não tão desconhecida: a aldeia dos índios.*

*Quando chegaram à casa de Javé, Mia se surpreendeu com o que vira. Todos os problemas solucionados juntamente com seu amigo índio pareciam estar reunidos ali, na aldeia – o tiro ao alvo na primeira fase, o jogo da memória na igreja e o jogo de vôlei na terceira.*

*Mia, observando sua aventura de forma resumida, ficou sem acreditar por ter conseguido solucionar todos os desafios. Nesse momento, seu celular sonorizou com mais uma mensagem: “Se o último desafio for vencido, sua recompensa irá rapidamente às suas mãos. Vamos lá! Desvende o enigma!”.*

*Com o foco em mente, Mia procurou desvendar o enigma, que não era nada mais nada menos do que uma associação de todos os tópicos que os aventureiros tinham conseguido enfrentar. Movida pela animação e quase vitória, ela respondeu ao enigma, que continha a seguinte pergunta: “Qual o objetivo principal dessa missão?”.*

*E com muita convicção, ela exclamou:*

*– Colecionar artefatos para ganhar um grande prêmio!*

*Em seguida, Mia pôde ver uma resposta negativa: sua resposta estava meio certa.*

*– Mas, por quê? –. Ela dizia em voz alta.*

*Como um velho sábio, Javé foi ao encontro de Mia, olhou dentro de seus olhos e disse:*

*– Mia, sua resposta não está totalmente errada. Co-*

*lecionar artefatos foi um dos objetivos sim, mas não o principal. Sabe qual foi o objetivo realmente?*

*Ela balançou a cabeça negativamente. Javé acrescentou:*

*– O principal objetivo foi idêntico a seu grande prêmio. Lembra daquele adágio em que diz “matar dois coelhos em uma tacada só”? Pois, bem, foi isso o que aconteceu! Você adquiriu sua recompensa no início e no decorrer do jogo, ou seja, duas coisas de uma vez só. Existe coisa melhor do que aperfeiçoar seu conhecimento, Mia?*

*Depois da afirmação de Javé, a garota sabia a resposta... Ela podia amar explorar... Ela podia amar aventuras... Ela podia amar tudo isso... Mas não existia coisa melhor do que o conhecimento!*

Cativada por letras e games, Anne Katherine concluiu o conto que iria ser inscrito em um concurso da escola.

Sem nenhuma dúvida de que ganharia o prêmio, Anne Katherine já ensaiava o discurso na frente ao espelho...

– Meu conto foi baseado em uma história entre as personagens Mia e seu namorado, Javé, que amam games. Na verdade, decidi contar um pouco da minha “friend zone” por meio de uma narrativa dentro de um jogo digital. Eles se conheceram por acaso e criaram um grande laço de amizade...

No final desse mesmo dia, aconteceu uma coisa muito estranha... Anne Katherine caminhava em direção à sua casa enquanto que seu namorado Kevin

havia ficado um quarteirão antes do seu. Anne sentiu seu aparelho celular vibrar. Tirou-o do bolso e olhou a seguinte mensagem: *“Gostei muito de seu conto, mas você não acha melhor levar isso para a prática? Não só a Mia recebe mensagens anônimas, Anne! Gostei muito de sua iniciativa. Não gostaria de se aventurar?”*.

Então, Anne Katherine guardou o celular no bolso de sua calça escolar e deu um salto cheio de graça. Agora, sim, sabia muito bem o que fazer.

## SOBRE OS ORGANIZADORES



### **JORGE FELLIPHE RODRIGUES BARBOSA**

possui graduação em Ciências da Computação, especialização em Sistemas da Informação e é mestrando em Engenharia de Software, pela UFRN. Atualmente, concentra suas pesquisas na área de Jogos Digitais Educacionais e Aprendizagem Baseada em Jogos. Passa boa parte de seu dia dedicado em manter a infraestrutura e o parque tecnológico do IFRN – *Campus Canguaretama*; a outra parte do seu tempo dedica-se à sua amada família.



### **MAGDA RENATA MARQUES DINIZ**

possui graduação em Letras/Língua Portuguesa e Literaturas, especialização em Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa, mestrado em Estudos da Linguagem e doutorado, em andamento, também na mesma área de concentração, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Sua experiência profissional é na área de Ensino de Língua Portuguesa, Formação de Professores e Identidade Cultural, atuando no Ensino Médio Integrado do IFRN – *Campus Canguaretama* (além de muito **E N C A N T A D A** pelos contos produzidos neste livro!).

## SOBRE OS AUTORES



**HENRIQUE TARGINO DE LIMA**, além do Curso Informática, é estudante do Profissionalizante em Operador de Caixa. Gosta de fazer códigos de programação, é fã de séries e tem a arte da capoeira como *hobby*.



**MARIA EDUARDA ALCÂNTARA DA SILVA** é estudante também de Informática, ama livros-músicas-filmes-séries; tocar em seu violino e adora ficar junto de seu namorado Semaias. Seus autores preferidos são Kiera Cass, John Green e JoJo Moyes, além de apreciar a saga intitulada *A seleção*.



**MEIRI AMALIA RODRIGUES**, além de compromissos escolares, passa boa parte de seu dia lendo e escutando música; sendo a autora/escritora Cassandra Clair sua preferida. Seu livro inesquecível sempre será “1984”, de George Orwell. Adora colecionar carrinhos em miniatura e tem – nos doces – seu ponto fraco.



**MILENNA NUNES MARINHO**, além de estudante do Curso Técnico Integrado em Informática, é fã de jogos, leitura, desenhos, filmes/séries/*animes*, música e cultura pop em geral. Tem um gosto eclético, mas bastante seletivo; sendo Augusto Cury seu autor/escritor preferido. Adora escrever, mas adiaria a finalização de um capítulo se recebesse um convite para uma lasanha com amigos regada a alguns litros de refri.



**NATÁLIA CRISTINA TERTULIANO MELO**, estudante de Informática, passa um bom tempo jogando e escutando música. Ama a saga “Instrumentos Mortais”, de Cassandra Clare, mas J. K. Rowling é sua autora/escritora preferida. Adora fazer os outros rirem, apesar de extrapolar na sinceridade.



**SEMAIAS RANGEL DE OLIVEIRA MACHADO** é estudante do Curso Técnico em Informática, ama dormir, escutar músicas (*rock* principalmente), ver séries/filmes, jogar *games* e adora ficar junto de sua namorada Eduarda.

PÁGINA EM BRANCO

# ANOTAÇÕES

*PÁGINA EM BRANCO*



**Tipografias utilizadas:**

Bookman Old Style  
SignPainter

**Papel da capa:**

Cartão Supremo 300g

**Papel do miolo:**

Polen Soft 90g

Impresso na Copiart em 2018.

-

Todos os direitos são reservados à Editora IFRN, não podendo ser comercializado em período de contrato de cessão de direitos autorais.

Em caso de reimpressão com recursos próprios do autor, está liberada a sua comercialização.



Da esquerda para a direita, os autores dos contos: Henrique, Milenna, Meiri, Eduarda, Semaias e Natália



Em mais de 12 anos de história, a Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.



Escrito por jovens pesquisadores e integrantes de um grupo de pesquisa em Jogos Digitais e Língua Portuguesa, **Leitura e criação em jogo: conhecendo de pertinho o Beco do Uruá** é uma coletânea de contos, que nos convidam a conhecer a geografia, a história, a cultura de Canguaretama de maneira bastante criativa.

Desde o título deste livro – pois o município de Canguaretama era nomeado como Beco do Uruá inicialmente –, os autores, que são residentes na Microrregião do Litoral Sul do Rio Grande no Norte e estudantes do Curso Técnico Integrado em Informática do IFRN – *Campus* Canguaretama, seduzem nossas mentes com seus olhares subjetivos sobre o espaço e o tempo fotografados e deixam em nós um pedaço de cultura, de suspense, de amor quando lemos suas narrativas.

Esperamos que você, leitor, possa se envolver como nós nos envolvemos nessa experiência ficcional!

Magda Renata Marques Diniz  
Jorge Fellipe Rodrigues Barbosa

ISBN 978-85-94137-14-2



9 788594 137142 >

